

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
PROGRAM DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA
LINGUAGEM

JOÃO PAULO PINTO

IDENTIDADE DE GONÇALVES
CONSTRUÇÃO E DESLOCAMENTO

POUSO ALEGRE - MG
2014

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
PROGRAM DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

JOÃO PAULO PINTO

IDENTIDADE DE GONÇALVES
CONSTRUÇÃO E DESLOCAMENTO

POUSO ALEGRE - MG
2014

JOÃO PAULO PINTO

IDENTIDADE DE GONÇALVES
CONSTRUÇÃO E DESLOCAMENTO

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Vale do Sapucaí para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem .

Área de concentração: Análise de discurso

Orientadora: Prof^ª.Dr^ªGreciely Cristina da Costa

POUSO ALEGRE - MG
2014

Pinto, João Paulo

IDENTIDADE DE GONÇALVES: CONSTRUÇÃO E
DESLOCAMENTO/ João Paulo Pinto- Pouso Alegre, 2014.

87f. : 16x23cm

Dissertação (Mestrado)- Universidade do Vale do
Sapucaí, Univás, Mestrado em Ciências da Linguagem, 2014

Orientação:Greciely Cristina da Costa

1. Análise de Discurso
2. Ideologia
3. Construção da Identidade
4. Gonçalves

Dedico a meus pais e familiares pelo amor e apoio.

Dedico de maneira especial à memória de Luisa Cintra, a eterna teacher.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, principio e razão de tudo.

Agradeço a minha mãe Teresa que está com Deus olhando por mim.

Agradeço a meu pai Sebastião e a meus irmãos Jessé, José Roberto e Sebastião Marcos por me apoiarem e me inspirarem nos momentos difíceis.

Agradeço a Luciele pela enorme paciência e carinho.

Agradeço a minha orientadora Greciely pelo zelo, dedicação e profissionalismo dedicados a mim e minha dissertação.

Agradeço aos professores Eni Orlandi, Onice Payer, Ana Cláudia, Andréa, Débora e Lauro Baldini que me ajudaram a resgatar o prazer de aprender e cuja amizade espero merecer.

Agradeço de modo especial à Regina, Ângela, Marcelo, Aline, José Milton e demais colegas de trabalho pela paciência, por compartilharem ideias e me auxiliarem nos momentos em que tive que me ausentar da escola.

Por fim agradeço a todos com os quais convivi durante o mestrado e que acabaram me ajudando de alguma maneira e me dando razões para acreditar e seguir em frente.

No rancho fundo
Bem pra lá do fim do mundo
Onde a dor e a saudade
Contam coisas da cidade...

Ary Barroso e Lamartine Babo

PINTO, João Paulo. **Identidade de Gonçalves**, produção e deslocamento. Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem, Universidade do Vale do Sapucaí- UNIVÁS, Pouso Alegre, MG, 2014.

RESUMO

Essa pesquisa busca mostrar como se dá a construção da identidade de Gonçalves-MG, pensando as relações entre o turismo e o progresso, num movimento de discursos que produzem efeitos de sentido sobre a cidade. Com esse propósito, partimos do pressuposto teórico da Análise de Discurso, com base nos estudos de Orlandi e Pêcheux, que compreende a identidade enquanto um movimento na história e, por isso, resultante de processos de identificação que não são fixos, ao contrário, se deslocam de um sujeito para o outro. Em nosso percurso, observamos, a partir da análise discursiva de textos jornalísticos, panfletários, folders, entre outros, sobre Gonçalves, os deslocamentos de sentidos engendrados pelo processo de construção identitária e as imagens que são construídas sobre a cidade. Explicitamos, com essas análises, a forte presença do discurso religioso e do discurso do progresso/positivista na constituição de uma imagem de cidade bucólica, com vocação natural para o turismo. Assim, ao final dessa pesquisa, concluímos que há uma relação de interdependência entre dizeres do turismo e do progresso nos discursos sobre Gonçalves, cujo efeito de sentido produzido é a de que a cidade se significa como um paraíso terrestre.

Palavras-chave: Identidade, cidade de Gonçalves, discurso, turismo, progresso.

PINTO, João Paulo, **Identity of Gonçalves**, production and displacement, Dissertation for Master's Degree, Master's Degree in Language Sciences, Universidade do Vale do Sapucaí-UNIVÁS, Pouso Alegre, MG, 2014.

ABSTRACT

This research's purpose is to show the construction of identity in Gonçalves-MG, reflecting the relationship between tourism and progress, in a review of speeches. For this purpose, we start from the theoretical assumption of Speech Analysis, based on studies of Orlandi and Pêcheux. In our journey, we observe from the discursive analysis of journalistic texts, and pamphlets, among others, about Gonçalves, by the process of identity and images that are based on the city. Clarifying these analyzes, the strong presence of religious discourse and progress in the formation of an image of a bucolic town with natural vocation for tourism. We conclude that there is an interdependent relationship between tourism and the statements of progress about Gonçalves, which effective meaning shows the city is an earthly paradise.

Key-words: identity, city of Gonçalves, speech, tourism, progress.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	02
CAPÍTULO I- GONÇALVES: UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A CIDADE.....	10
1.1 Histórico.....	10
1.2 A cidade de Gonçalves e o turismo.....	21
CAPÍTULO 2- AS DIREÇÕES NO CAMINHO PERCORRIDO.....	27
2.1 Como se constitui o sujeito, o discurso e a identidade.....	27
2.2 O espaço, a memória e a construção identitária.....	34
CAPÍTULO 3- OS DISCURSOS SOBRE A CIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM DE GONÇALVES.....	36
3.1 Material Pesquisado.....	36
3.2 Os Irmãos Gonçalves e a fundação da Cidade.....	44
3.3 O discurso religioso sobre Gonçalves.....	48
3.4 O discurso da musicalidade em Gonçalves.....	52
3.5 O hino de Gonçalves: o bucólico e o humano.....	55
3.6 O discurso do progresso em Gonçalves.....	58
3.6.1 O progresso e a administração pública.....	58
3.6.2 O progresso da cidade nos Cafundós do Brasil.....	61
3.6.3 O progresso e a Cinegráfica Anhanguera.....	63
3.7 A pregação acerca da cidade e o discurso da natureza de Gonçalves.....	67
3.8 O turismo e o bucólico.....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS.....	76

INTRODUÇÃO

Este estudo se propõe a realizar uma análise acerca da construção da identidade de uma cidade, tendo sempre como assertivo o fato de que a identidade se forma e se desloca constantemente, ou seja, a identidade está sempre em formação e está sempre em movimento, num constante ir e vir de sentidos. Visamos, com isso, explicitar os deslocamentos de sentidos sobre a cidade de Gonçalves, sul de Minas Gerais, que afetam e constituem discursos sobre ela.

Para tanto, parte-se do estudo da cidade por considerá-la como espaço simbólico particular, que tem sua materialidade e suas formas específicas de significar (ORLANDI, 2001). A escolha de trabalhar com a cidade se justifica também pela possibilidade de observar a atuação da memória na constituição do imaginário dos sujeitos. Ao se realizar uma análise de discursos acerca de uma cidade se percebe os deslocamentos de sentidos decorrentes das diferentes formações imaginárias (PÊCHEUX, 1969¹). Nesta direção, Orlandi (2004, p.12) acentua que “observar a cidade é procurar compreender as alterações que se dão na natureza humana e na ordem social”.

Ainda, de acordo com Orlandi (*idem*, p.12-13):

Outra razão é, sem dúvida, a riqueza que se mostra na relação do indivíduo com outros indivíduos e com tudo que constitui cidade. Heterogeneidade mas padronização, subordinação às exigências da comunidade maior na medida em que faz parte de movimentos coletivos, mas, ao mesmo tempo, dispersão, e, ainda individualidade. Temos então a mobilidade do indivíduo no campo de um grande número de indivíduos diferentes concentrados em um mesmo espaço. Instabilidade. Insegurança. O indivíduo é membro de grupos bastante divergentes. Tangenciais. Do outro lado, o da produção em massa, nos encontramos com a padronização de processos e produtos. Individualidade e padronização são pólos constantes na caracterização da vida da cidade. Dos quais resulta uma enorme mobilidade de desenhos de relações, formas de vida, movimentos, iniciativas.

¹ Gadet e Hak, Por uma Análise Automática do Discurso.

Desta maneira, vê-se um paradoxo que rege a vida na cidade: ela é individual e coletiva. O indivíduo vive, constrói sua vida sozinho, mas se relaciona o tempo todo com outros indivíduos, outros modos de viver a vida, de dar sentido a ela e a tudo que faz parte da cidade.

A vida da cidade gera mobilidade (de sentidos e corpos) e uma das formas mais explícitas desta mobilidade é o turismo, pois o indivíduo, movido por algo que o impele a deslocar-se, sai de seu lar em busca da satisfação para a necessidade de deslocamento de um espaço para outro, de uma cidade para outra. É desta mobilidade que falamos. O que faz com que o sujeito vá para outra cidade? O que leva o indivíduo a ocupar a posição sujeito turista?

Esse deslocamento de um espaço para outro faz o sujeito deparar-se com formas distintas de alteridade:

- I- O sujeito busca um lugar outro, outra cultura, outros sujeitos, outro lugar. Onde o sujeito encontrará uma relação diversificada na forma como os sentidos e os discursos se produzem.
- II- O sujeito busca vivenciar experiências diferentes da sua vida cotidiana. Não se quer o mesmo da vida cotidiana, há a vontade de esquecer, ainda que momentaneamente, a rotina diária do lugar em que se vive.

O turismo cria essa relação de alteridade entre os sujeitos, além de ser uma atividade que vem se desenvolvendo grandemente na atualidade. Pensando dessa forma, observa-se aqui a definição de turismo dada pela Organização Mundial do Turismo (OMT), para a qual o turismo é a “soma de relações e de serviços resultantes de um câmbio de residência temporário e voluntário motivado por razões alheias a negócios ou profissionais” (BARRETTO, 1995, p.12).

Desta forma chama-se a atenção para a necessidade de que esse deslocamento gerado pelo turismo tem de ser voluntário. Um fator determinante para o deslocamento voluntário é a

identificação do sujeito com uma cidade. Sendo fundamental a imagem criada dessa cidade. Outro ponto a destacar é o fato de o turismo torna necessário oferecer serviços tais como transporte, alimentação e hospedagem. Assim a cidade que pretende investir em turismo deve garantir o bom funcionamento desses serviços. Trata-se de uma expectativa que pode partir tanto do poder público quanto da iniciativa privada.

Outro aspecto importante da definição apresentada pela OMT é o que se refere às “relações”. Essas relações são fundamentais, pois podem representar mais para o turista do que uma paisagem ou monumento. É durante a interlocução entre os sujeitos que sentidos e discursos se produzem e circulam. Pode-se então afirmar que o turismo interessa à Análise de Discurso por esse fato, por trazer à tona uma determinada relação social que está investida na relação de sujeitos e sentidos envolvidos nas práticas referentes ao turismo.

Buscando ainda compreender os sentidos de turismo, encontramos outras definições. Para Morgenroth (*apud*. Barretto, 1995, p.10), turismo é

Tráfego de pessoas que se afastam temporariamente do seu lugar fixo de residência para deter-se em outro local com o objetivo de satisfazer suas necessidades vitais e de cultura ou para realizar desejos de diversas índoles, unicamente como consumidores de bens econômicos e culturais.

Enquanto, Fuster (*apud*. Barretto, 1995, p.11) afirma que

Turismo é, de um lado, conjunto de turistas; do outro, os fenômenos e as relações que esta massa produz em consequência de suas viagens. Turismo é todo o equipamento receptivo de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, guias-intérpretes que o núcleo deve habitar para atender às correntes (...). Turismo é o conjunto das organizações privadas ou públicas que surgem para fomentar a infraestrutura e a expansão do núcleo, as campanhas de propaganda (...). Também são os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras.

Por último, trazemos a forma como Lunderbeg (*apud* Barretto, 1995, p.12) define turismo. Para ele,

O turismo é a atividade de transporte, cuidado, alimentação e entretenimento do turista; tem um grande componente econômico, mas suas implicações sociais são bem mais profundas. Estimula o interesse no passado, na arquitetura e na arte...

Observando as definições apresentadas, podemos notar que além da necessidade de sair de um local para ir a outro, é preciso que se realizem também operações econômicas tendo em vista o sentido de turismo ligado a consumo. Veja que Morgenroth relaciona as necessidades vitais e de cultura a bens econômicos e culturais, colocando o sujeito do turismo como consumidor. Este modo de significar o turismo explica de certa maneira o fato de a cultura tornar-se objeto de consumo nas cidades turísticas. Por outra via, Fuster coloca o turismo núcleo receptor de uma série de atividades, organizações e sujeitos, mostrando que muitas são as relações envolvidas no turismo, desde as relações entre os turistas até a infraestrutura das cidades, hotéis, etc.

Há que se observar que os autores citados mostram que as razões econômicas não são os únicos interesses do turismo. Morgenroth mostra que há “desejos de diversas índoles”. Desejos que podem representar uma infinidade de aspectos, entre eles a necessidade de encontrar uma forma de entretenimento.

Fuster considera que o turismo está relacionado a toda estrutura de produtos e serviços envolvidos no movimento de turistas. Entre os componentes desse “equipamento receptivo”, o autor menciona “espetáculos”, dando a entender que a localidade que pretende investir no turismo deve desenvolver ou contribuir nos espetáculos existentes para satisfazer o turista. Assim como pode ser observado em Gonçalves há os investimentos em eventos como o Festival de Gastronomia, realizado exatamente para este fim.

Por fim, Lunderbeg mostra que além do deslocamento, do lazer e da cultura, o turismo tem suas “implicações sociais bem mais profundas”. O turismo produz assim mudanças na imagem e na identidade de um lugar à medida que se espera que a cidade turística estimule o interesse do turista por ela em vários aspectos: arte, cultura, gastronomia, história, etc.

Há que se pensar que Fuster menciona “efeitos negativos” em sua definição. Observa-se então que o turismo não traz só benefícios, como certos discursos, como o da publicidade (por exemplo), leva-nos a pensar.

Na cidade se observa a relação do sujeito com o espaço da cidade. Esta é uma das razões pelas quais se resolveu trabalhar com os discursos sobre a cidade de Gonçalves, pensando no que é enunciado nestes discursos que, por sua vez, trabalham a imagem da cidade turística. Gonçalves é considerada uma cidade turística e há funcionando em sua história dizeres que sustentam uma certa imagem de cidade e o próprio turismo que se instalou nela. Que sentidos tomam o turismo em Gonçalves? Que imagens constroem a identidade dessa cidade como turística?

Gonçalves vem atravessando grandes transformações econômico-sociais causadas pela mudança do foco econômico: de uma economia essencialmente agrária para uma economia movida pelo turismo. São mudanças que alteram profundamente o modo de vida da população, pois os habitantes passam a conviver com pessoas das mais variadas origens que vão para Gonçalves em busca do que a cidade oferece. Mas, o que ela oferece? Uma pergunta simples que nos leva à compreensão das imagens construídas sobre a cidade ao mesmo tempo em que certos sentidos são atribuídos a ela. É o que pretendemos explicitar, neste trabalho.

Nesta via, é importante destacar que o discurso em torno do turismo, então, produz grandes mudanças na forma de significar a cidade. O turismo provoca um contato estreito entre os habitantes de Gonçalves com indivíduos de diferentes origens, esse fato nos interessa, pois conforme Orlandi (2004, p. 13):

a dessemelhança joga forte nos centros urbanos. Povos de traços diversos aglomerados em contato físico estreito. Porém não nos interessa só a visibilidade dessa característica mas seu sentido. O que daí resulta, como isso significa, para quem significa etc. sem esquecer que o próprio espaço e sua conformação urbana é parte dessa significação.

Busca-se, diante dessa dessemelhança, compreender como se dá a construção identitária da cidade, tomando como lugar de observação o discurso jornalístico, o discurso panfletário, entre outros, sobre Gonçalves.

Nosso propósito é observar as relações de sentido envolvidas na construção da identidade e formações imaginárias sobre a cidade de Gonçalves.

Orlandi (2004,p.14) explica que “o sujeito se individualiza em seus modos, que **se identifica** e (se) produz sentidos que são afinal o que vai significar a cidade com todas as consequências que isso acarreta” (grifo nosso). Assim é na cidade que se dá a vida do sujeito, nela os sujeitos encontram modos de sobrevivência e de existência. E é nela que os sujeitos produzem sentidos e ao mesmo tempo (se) significam.

Para compreender como se dão os processos de construção identitária da cidade de Gonçalves foi preciso primeiramente fazer, no Capítulo1, deste estudo, um histórico e apresentar informações socioeconômicas sobre a cidade.

No Capítulo 1, apresentamos um esboço de como se deu o desenvolvimento da cidade desde a promessa de Policarpo Teixeira de Almeida Queiróz Junior (homem de posses e político da região) sobre a qual ele havia prometido a construção uma capela em homenagem a Nossa Senhora das Dores, caso recuperasse sua saúde. A construção desta capela se deu no local onde viviam três irmãos solteiros de sobrenome Gonçalves. Esta capela gerou uma povoação que foi se organizando e se desenvolvendo com o passar dos anos e que, após dez anos de lutas políticas, se emancipou em 1º de março de 1963.

A nova cidade, depois de alguns anos, começou a investir na implementação do turismo, tornando-se necessário para este estudo relatar como a cidade foi mudando seu foco econômico da agricultura para o turismo, da sociedade agrária para o turismo ecológico.

No capítulo 2, expomos os pressupostos teóricos que sustentam nosso trabalho, marcando nossa filiação à Análise de Discurso. Nesse capítulo, apontamos para o modo como

se dá o processo de interpelação e de individuação do sujeito; como a língua e a ideologia atuam nesse processo dentro do contexto da sociedade capitalista em que vivemos. Também buscamos explicitar como a memória discursiva vai atuar na instalação da identidade da cidade enquanto turística. Ainda, nesse mesmo capítulo, busca-se a compreensão de como o simbólico, o ideológico e o espaço significativo da cidade vão interferir na sustentação dessa identidade, deixando claro que, para a Análise de Discurso, não há identidade fixa, há sempre processos de identificação. A identidade sempre é movida pelas mudanças nas formas como o sujeito se relaciona com o simbólico, com o ideológico e com a história.

No capítulo 3, descrevemos o nosso material de análise. Trata-se de material composto quase em sua totalidade de textos diversificados (jornais, revistas, folders, jornais online, vídeos e programas televisivos). É importante lembrar que nosso material de análise foi montado a partir de enunciados que pudessem esboçar o funcionamento das formações imaginárias a respeito de Gonçalves, acreditando que as imagens construídas incidem sobre os processos de identificação do sujeito gonçalvese e que podem nos levar a compreender como a identidade da cidade foi surgindo e foi se alterando ao longo do tempo. Desta forma, trabalhamos com enunciados de diferentes períodos da história da cidade, ou melhor, com discursos sobre a cidade ao longo da história.

Ainda neste capítulo, realizamos nossas análises. Através da observação de recortes de nosso material de análise, analisamos o discurso fundador da cidade, o discurso religioso, o discurso da musicalidade, o discurso do progresso e as predicações da cidade. Através destas análises percebemos que os enunciados acerca da cidade podem nos levar na direção da construção de uma imagem de cidade ideal, de eldorado, lugar onde o homem pode encontrar o sonho bucólico perdido e esquecido dos grandes centros urbanos. E esta imagem se deve ao efeito de discursos sobre a vocação da cidade para progredir.

Por fim, concluímos que os discursos analisados indicam que há uma interdependência entre vocação e progresso/turismo nos discursos sobre a cidade de Gonçalves.

Capítulo 1-GONÇALVES: UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A CIDADE

1.1 Histórico

Para a realização de nosso estudo sobre a construção da identidade da cidade de Gonçalves, é necessário que antes se faça um esboço com informações oferecendo um panorama geral ao leitor sobre a cidade norteando-o em relação ao modo como se constitui uma certa discursividade em torno dela. Para isso, fizemos um levantamento histórico acerca de Gonçalves nos arquivos públicos do município.

Ao pesquisarmos os arquivos do Departamento de Turismo e Cultura de Gonçalves, entramos em contato com várias versões da história municipal, a maioria dos textos aparentando ser cópia um do outro. Esses históricos deixam algumas lacunas abertas e, em busca de preencher algumas delas, foi preciso buscar em outras fontes, como jornais e revistas (alguns no próprio Departamento de Turismo e Cultura, outros em acervos particulares). Ou seja, o Departamento de Turismo e Cultura já determina quais são os materiais disponíveis no arquivo acerca dessa história. Antes de iniciarmos nosso relato relativo ao surgimento da cidade, ressaltamos que, a partir da Análise de Discurso e seus pressupostos, as lacunas do arquivo figuram como constituintes do discurso da cidade, pois elas marcam uma falta estruturante, nem todas as lacunas podem ser preenchidas uma vez que produzem sentido por sua própria ausência (que é significativa). Cabe ao analista de discurso buscar os meios necessários para compreender os sentidos dessas lacunas e como elas funcionam. Em nosso estudo, observamos que as lacunas constituem o modo como o arquivo sobre a cidade se constrói.

Há que se observar que os documentos históricos do município não estão em um “departamento histórico”, como poderia ocorrer em outra cidade. Fato que pode indicar uma forma de atrelar a história, a cultura e o turismo. Em uma reflexão mais adiante neste estudo voltaremos a esta questão.

De acordo os documentos pesquisados², a cidade começa a surgir quando Policarpo Teixeira Almeida Queiroz Junior, que segundo Borges (2003), foi presidente do Partido Liberal, em Pouso Alegre, entre 1873 e 1877, fundou o jornal *O Mineiro* com dois de seus irmãos; tendo adoecido em 1878, teria feito uma promessa de doar seis alqueires de suas terras da Fazenda do Rio Manso (há possibilidade de na realidade esta fazenda ser de propriedade da esposa de Policarpo, Rita Carolina de Queiroz), situada na divisa de Minas Gerais e São Paulo, para a construção de uma capela em agradecimento a Nossa Senhora das Dores, caso fosse curado.

Essa capela foi construída de sapé e taipa, porém, devido a desavenças entre os herdeiros dessas terras, em 1897, uma decisão judicial transferiu a capela para as proximidades do rio Capivari, no local onde atualmente se situa a matriz da cidade. Neste local, viviam três irmãos de sobrenome Gonçalves. Ficou a capela conhecida, portanto, como Capela das Dores dos Gonçalves.

É interessante observar que nenhum histórico dos arquivos municipais que pesquisamos apresenta a origem destes irmãos, nem de seus nomes, ou qualquer outra informação sobre eles. Apenas se sabe que eram colonos (trabalhadores braçais das lavouras da região), que tinham bócio, e que, possivelmente, eram cafuzos.

² Os documentos pesquisados referem-se a: portal.goncalves.mg.gov.br (acesso em 06 de janeiro de 2014), O Regional das Alterosas (março de 2008), Terras Altas da Mantiqueira (Borges, 2003), histórico municipal (16 de abril de 1993), histórico municipal (12 de junho de 1981) e histórico da administração 1996-1999(sem data).

Borges (2003,p.87) acrescenta mais um dado, o fato de que eram “três colonos mestiços e solteirões denominados, Mariana Gonçalves, Maria Gonçalves e Antonio Gonçalves. Os irmãos não deixaram herdeiros, mas legaram seu sobrenome a capela”.

De acordo com o material pesquisado, ao redor da capela foi se formando um povoado com alguns estabelecimentos comerciais. Em 1909, Capitão Antonio Carlos, homem de muitas posses (ele havia comprado a carta-patente de capitão da guarda nacional), faz grandes transformações, elevando Gonçalves à categoria de distrito com o auxílio do senador Bueno de Paiva. O referido capitão também criou a Lira Nossa Senhora das Dores (banda musical tradicional), implantou o Cartório de Registro Civil e a Agência dos Correios.

Neste ponto, os históricos do arquivo municipal dão um “salto” no que diz respeito ao tempo, partindo de 1909 para 1953, embora este período tenha sido marcado por grandes mudanças no contexto histórico e econômico do Brasil. Houve o fim da República Velha (1889-1930), o governo de Getúlio Vargas (1930-1945), entre outros episódios históricos importantes. Neste espaço de tempo é provável que a região de Gonçalves passasse por uma estagnação econômica devido ao começo da industrialização do país, uma vez que a região tem forte influência agrícola.

Somente Borges (2003, p.90) faz um rápido relato sobre eventos ocorridos neste período. Seu texto afirma que, em Gonçalves, o desenvolvimento foi retardado, como em todas as cidades da divisa de Minas e São Paulo, devido às revoluções de 1928³, 1930 (fim da República Velha e início do governo de Getúlio Vargas), 1932 (Revolta Constitucionalista). Por outra via, por meio de relatos de populares ⁴, descobrimos que, em 1932, houve na cidade batalhas, construção de trincheiras, movimentação de tropas, entre outros ocorridos nos bairros próximos à divisa de estado. De acordo com o que foi apurado, a população ficou

³ Há possibilidade de o autor ter cometido um equívoco no ano indicado, pois não há indicações de nenhum fato marcante. É provável que o autor tencionasse em citar a crise de 1929 que causou muitos prejuízos aos agricultores do Brasil e, conseqüentemente, aos habitantes de Gonçalves.

⁴ Esses relatos foram recolhidos em conversas informais com Sebastião Pereira Pinto (agricultor aposentado), Elisabete de Camargo Silva Magalhães (professora) e Wagner Resende Camargo (oficial do registro civil).

muito amedrontada chegando a ser formada uma milícia para proteger os moradores. O próprio Capitão Antonio Carlos, que havia se mudado para São Bento do Sapucaí devido ao segundo casamento, se refugiou em Gonçalves. Outra vestígio desse conflito é a existência de um pequeno monumento construído próximo à divisa para lembrar batalhas ocorridas nas proximidades.

Estes fatos não apareceram nos históricos da cidade provavelmente porque a maioria dos soldados envolvidos em combates na região era oriunda de Pouso Alegre e Itajubá. Outro fator que pode ter influenciado a omissão deste conflito na fronteira é a forte ligação dos habitantes da cidade com pessoas do estado de São Paulo (que estavam lutando contra o governo federal e, conseqüentemente, contra Minas Gerais).

Já, em 1953, segundo os documentos pesquisados, os moradores se organizaram e iniciaram o processo de emancipação política do município. Esse processo durou quase dez anos e foi possível graças à lei estadual nº 2764, de 30 de dezembro, de 1962, que emancipou vários municípios mineiros, entre eles Gonçalves. A instalação desses municípios deu-se em 1º de março de 1963.

Há que observar que, de acordo com Sebastião Vieira da Silva, economista, funcionário público aposentado, em seu texto “Histórico da Televisão em Gonçalves” (1992), existiu em Gonçalves a CEG (Companhia Elétrica de Gonçalves) que forneceu eletricidade à sede do município até a chegada da estatal responsável. Entre os responsáveis pela CEG estavam: Antenor Vieira da Silva (comerciante), Lázaro José da Silva (pecuarista), Sebastião Vieira da Silva, João Carlos da Silva (pecuarista), Eliseu Ribeiro de Barros (pecuarista), João Ribeiro da Silva (comerciante), Alcino Resende de Souza (comerciante), Manuel Carlos Neto (pecuarista). Outro fato importante é que um grupo de moradores teria se organizado para a instalação de uma antena retransmissora do sinal de TV para a cidade nos anos 1960,

formando a Sociedade Retransmissora de TV de Gonçalves. Esse grupo era liderado por Antenor Vieira da Silva.

Os responsáveis pelo movimento de emancipação política de Gonçalves foram Antonio de Souza Camargo (farmacêutico) e José de Souza Viera (comerciante), que junto com Antenor Vieira da Silva, Odeto Vieira da Silva (comerciante), Manuel Ferreira Braz (agricultor), Hilton Camargo (comerciante) e Francisco Tertuliano Ribeiro Neto (comerciante) organizaram-se e formaram uma comissão para reivindicar a emancipação política de Gonçalves. Ao fim do processo de emancipação, Hilton Camargo foi nomeado prefeito interino até a eleição do primeiro prefeito: Francisco Tertuliano Ribeiro Neto.

Esses eventos são lembrados pelos mais velhos e por aqueles que tiveram contato direto com os envolvidos, além de estarem registrados nos arquivos municipais (com exceção dos relacionados ao conflito de 1932).

Reunimos, a seguir, alguns dados atuais sobre o município.

De acordo com Andrade (2003, p.18):

O município possui uma área de 192 quilômetros quadrados, entre as coordenadas geográficas 22°30' a 22°45'S e 45°45' a 46°00' W. Situado na mesorregião de planejamento do sul de Minas, faz divisa com o estado de São Paulo e com os municípios de Paraisópolis, Brazópolis, Camanducaia, Sapucaí Mirim e Córrego do Bom Jesus⁵.

Todos os históricos pesquisados, pertencentes ao arquivo municipal, relatam que o solo de Gonçalves possui minério de ferro e que as terras não são aptas para a agricultura devido ao relevo bastante acidentado. No entanto, a agropecuária era a principal fonte de renda do município até o final dos anos 1980, quando surgem as primeiras pousadas, que foram crescendo em número, em função do seu relevo e clima.

Gonçalves possui relevo acidentado, com cerca de 20% de planalto, onde antes se plantava arroz, produto substituído por pastagens ou outras culturas. A agricultura da cidade é

⁵ Atualmente os municípios de Brazópolis e Córrego do Bom Jesus não fazem divisa com Gonçalves.

composta quase na totalidade por pequenos e médios produtores, que plantam para a subsistência. A cidade tradicionalmente produz milho, feijão e cenoura, entre outros. Atualmente, os produtores da cidade plantam, além dos produtos já citados, banana, batata e hortifrutí, que são comercializados em São Paulo, principalmente. A agricultura orgânica no município vem se desenvolvendo bastante nos últimos anos. A fibra da bananeira também é muito usada para o artesanato local, assim como em outras cidades da região. Também se usam as frutas produzidas para a elaboração de doces e geleias variados, o que caracteriza diversas cidades do interior mineiro.

Todo o material pesquisado descreve também o clima da cidade como agradável. O histórico feito pela administração 1997-2000 afirma que “segundo um levantamento feito pela ONU, baseado em dados de todo o planeta, nosso clima (de Gonçalves) está entre os cinco melhores do mundo” (Histórico Municipal Administração 1997-2000). O clima de Gonçalves apresenta temperaturas amenas na maior parte do ano, e, nos meses de inverno, há a ocorrência de geada e de temperaturas negativas (principalmente nas localidades de altitude mais elevada). De acordo com Andrade (2003,p.23), Gonçalves possui “o clima tropical de altitude, do tipo Cwb (classificação de Köppen), possui verões brandos e chuvas concentradas nessa estação”.

Gonçalves está situada na bacia do Rio Sapucaí Mirim e, devido ao relevo acidentado, os rios são bastante encachoeirados, sendo bastante visitados por turistas e pelos habitantes da cidade.

A pecuária do município está voltada principalmente para a produção de leite. No município também se criam suínos, aves, trutas e se produz mel. Há também a produção de tijolos, cachaça e produção de móveis artesanais.

Atualmente, segundo dados do IBGE, a população de Gonçalves conta com cerca de 4270 habitantes (IBGE-2007), e o PIB por setores é de R\$ 2.751.000,00 (indústria), R\$5.551.000,00 (agropecuária) e R\$17.949.000,00 (serviços) (IBGE, 2013).

E é no setor de serviços que estão inclusas as atividades relacionadas ao turismo.

Fazendo uma sucinta análise acerca desses históricos, é importante se atentar para o fato de que:

I - A história oficial normalmente é a contada por quem detém o poder e possui o olhar do centro, de cima. Trata-se do discurso dominante que é registrado, desta forma, acaba-se registrando somente um ponto de vista que determina todos os outros.

Um exemplo disso é o apagamento dos nomes dos três colonos, dos quais o sobrenome foi usado como topônimo para a cidade, nos históricos municipais. Não eram donos de terras, não eram brancos, provavelmente não eram alfabetizados. Por isso foram excluídos da história oficial. Embora toda vez que se veja o nome da cidade, ele vai funcionar como o chapéu de Clémentis, conforme foi descrito por Courtine (Indursky e Ferreira, 1999). Courtine inicia seu texto lembrando uma anedota de Milan Kundera, na qual Clémentis cede seu chapéu a Gottwald enquanto este discursava, a cena virou material de propaganda comunista, no entanto, anos depois, Clémentis é acusado de traição e morto. Com a morte de Clémentis, o próprio teve a imagem apagada das propagandas, só que Gottwald ainda aparecia com o chapéu de Clémentis. A partir daí Courtine faz uma reflexão sobre a memória discursiva, o discurso, a língua e a ideologia.

O autor assevera que para analisar uma imagem como é o caso da propaganda é preciso extrapolar os limites do corte saussuriano que separa língua e fala, é preciso recorrer às teorias do discurso na concepção de Pêcheux (Courtine fala em “domínio da análise de discurso, desenvolvimento adicional recente da linguística, que aparece no final dos anos 60”).

Courtine também menciona a necessidade de se pensar sobre a ideologia, que atua no processo de assujeitamento do indivíduo. Nesse processo é possível identificar marcas, indícios da exterioridade, do contexto de produção discursiva.

Essas marcas são elementos de memória discursiva, o interdiscurso. As maneiras como estas marcas vão aparecer no discurso vão variar de acordo com a forma em que o indivíduo é interpelado pela ideologia em sujeito. A forma como ocorre o assujeitamento vai determinar como os esquecimentos se darão. O assujeitamento é condicionado pela ideologia, a forma como o sujeito é interpelado pela ideologia vai definir seu assujeitamento. As inúmeras possibilidades de assujeitamento vão interferir diretamente no sentido do discurso produzido.

Desta maneira, os nomes Mariana, Maria e Antonio são como o próprio Clémentis apagados no correr da história. O sobrenome irá remeter aos irmãos dos quais poucos habitantes sabem seus primeiros nomes. Silencia-se a presença dos irmãos na história da cidade, mas não completamente.

Provavelmente não era interessante às classes dominantes no século XIX fazer referência a três mestiços pobres. Não poderia se fazer referência somente a Antonio Gonçalves, como poderia se fazer na sociedade patriarcal da época. Deve-se sempre lembrar que, quando o povoado surgiu, o Brasil atravessava mudanças políticas (fim do Império e começo da República), mas as oligarquias agrárias ainda detinham o poder. O poder era mantido por senhores agrários brancos e ex-donos de escravos. Há o fato de o nome Gonçalves ser de origem portuguesa, sendo possível associá-lo a outro senhor de terras. Assim justifica-se o apagar dos primeiros nomes e a conservação do sobrenome Gonçalves. Mas o nome Gonçalves ainda permanece e irá remeter de algum modo aos três irmãos.

A teoria de Análise de Discurso de Pêcheux também abrange o esquecimento teorizando sobre ele. Conforme Pêcheux (1975⁶), o esquecimento também está relacionado à ideologia e ao interdiscurso (memória discursiva) e que irá criar as condições para o funcionamento das duas formas de esquecimento. Observe:

A análise do processo de assujeitamento conduz, assim a considerar dois modos ligados de determinação do ato de enunciação pela exterioridade do enunciável, ou interdiscurso: o interdiscurso como preenchimento, produtor de um efeito de consistência no interior do formulável e o interdiscurso como oco, vazio, deslocamento, cuja intervenção ocasiona um efeito de inconsistência (ruptura, descontinuidade, divisão) na cadeia do reformulável (p.22).

A memória discursiva incide sobre as bases da “relação imaginária” que sustenta a formulação de um enunciado.

O interdiscurso é como o chapéu de Clémentis em Gottwald. É aquilo que usamos sem saber a origem, mas que atua no sentido de nosso discurso. O anonimato do interdiscurso possibilitará o funcionamento dos esquecimentos.

É interessante refletirmos sobre o funcionamento do interdiscurso, pois nos deparamos com inúmeros “chapéus de Clémentis” ao nosso redor. Em nossa pesquisa sobre a construção da identidade de Gonçalves encontramos o caso dos nomes dos colonos que deixaram seus nomes para a cidade, a maioria da população apenas se refere a Gonçalves sem pensar na origem do nome, “gonçalvense” é como o chapéu, é a atuação da memória discursiva dos sujeitos.

A memória discursiva é um dos fatores que possibilitarão a compreensão em relação à forma como significa “ser um gonçalvense”. A atuação da memória discursiva é índice que permite compreender e identificar a forma como os sentidos circulam entre os habitantes da cidade de Gonçalves.

O nome irá sempre remeter de algum modo aos três irmãos que habitavam o local onde foi construída a capela que originou o município.

⁶ Gadet e Hak, Por uma Análise Automática do Discurso.

Convém ressaltar que para este estudo a noção de memória institucional é importante. Uma vez que nosso material de análise se constitui, em grande parte por enunciados arquivados pela prefeitura ou por terceiros.

O trabalho com arquivo nos leva a explicitar gestos de interpretação, conforme Nunes (2008, p.82). Segundo este autor “as práticas institucionais e de arquivo realizam um trabalho de interpretação que direcionam os sentidos, estabelecendo uma memória estabilizada”.

II - Mesmo antes de o turismo ser o ponto forte da economia, como é atualmente, os documentos históricos já procuravam produzir a imagem de uma cidade agradável para se viver e com vocação para o turismo. Ainda que, aparentemente, não se pensasse em desenvolver o turismo (no princípio), muitos autores utilizavam termos como: “belíssimas cachoeiras”, “município envolvido por uma interminável cadeia de montanhas”, “o clima é frio seco e saudável”; encontrados nos históricos municipais. Desta forma pode-se afirmar que o turismo marca a história da cidade, presentificando-se como espécie de discurso fundador sobre a cidade.

A chegada do turismo na cidade é vista como progresso e desenvolvimento como é possível explicitar no seguinte trecho:

O município de Gonçalves está com a ajuda de toda comunidade e com esforço de sua administração desenvolvendo-se. Gonçalves pode ser comparada com as antigas cidades do Velho Mundo por suas grandes arcadas por vastas montanhas e também pela hospitalidade dos Gonçalvesenses, tem sido por tudo isso alvo de muitos turistas que para cá se dirige a fim de adquirirem propriedades para passarem os seus momentos de lazeres (sic) (Histórico Municipal de 12 de junho de 1981).

Ao observar esse discurso pode parecer que o turismo surge na cidade como algo natural, como única via para sustentar economicamente a cidade. No entanto, até a chegada do turismo a cidade vivia da agricultura. Percebe-se que se usam os atrativos naturais como pretexto para a implementação do turismo.

Pode-se perceber que os elementos naturais não são os únicos atrativos, pois é “com a ajuda de toda comunidade e com o esforço da administração” que o turismo se implementa. Além dos elementos naturais, a hospitalidade é usada como justificativa para a presença dos turistas. Há em funcionamento um discurso, cujo dizer é o de que estes turistas vão movimentar a economia da cidade adquirindo propriedades tornando-se também, de certo modo, gonçalvenses.

Nota-se que a cidade é comparada a um ponto de referência. Assim como acontece em outras cidades turísticas como Recife, que é chamada de Veneza Brasileira em comparação com Veneza; Campos do Jordão é conhecida como Suíça Brasileira; e Gonçalves foi comparada à Europa (Velho Mundo) dadas "suas grandes arcadas por vastas montanhas e também pela hospitalidade dos Gonçalvenses".

Conforme já foi mencionado, na cidade há pequenos e médios produtores em sua maioria. Nesse contexto o turismo surge como alternativa para os habitantes da cidade. Uma vez que a economia da cidade começava a apresentar problemas. Provavelmente os produtores da cidade estavam obtendo grandes reveses produzidos pelas sucessivas crises econômicas dos anos 1980 (época do surgimento dos primeiros investimentos em turismo na cidade) e pela abertura de novas fronteiras agrícolas no país no mesmo período. E ainda há o fato de que na cidade sempre houve pessoas envolvidas com o turismo.

Ao se pensar nessas considerações, podemos entender as lacunas nos históricos oficiais, o silenciamento dos nomes dos colonos que cederam as terras, por exemplo, e o fato de que algumas décadas são descritas, e outras não.

1.2 A cidade de Gonçalves e o turismo

Desde o começo de sua história, a cidade é marcada pelo turismo. Os documentos analisados indicam essa relação entre Gonçalves e o turismo, na qual paisagem seria o principal atrativo (conforme mencionamos anteriormente). Sabe-se que nos primeiros anos da nova cidade havia algumas casas de veraneio e ao longo do tempo foram aplicados investimentos em infraestrutura (parte pelo governo municipal e parte por iniciativa dos moradores da cidade) que permitiram o surgimento das primeiras pousadas e restaurantes.

Conforme o observado na Folha do Estado e outros textos jornalísticos de meados da década de 1980, os investimentos em infraestrutura permitiram a instalação das primeiras pousadas no final da referida década. Com isso, é possível observar que, desde há muito tempo, circula um dizer sobre a cidade apontando para sua vocação turística. No tópico anterior, já apresentamos trechos que exemplificam esse dizer a respeito do potencial turístico da cidade. É possível que esse dizer tenha sido formulado em função da proximidade com outras cidades que já haviam implementado o turismo e obtiveram êxito, como é o caso de Campos do Jordão, São Bento do Sapucaí e Monte Verde.

Esse dizer, isto é, esse discurso atravessado pelo arrojo administrativo que marcou essa década possibilitou a implementação do turismo na cidade. E, paralelamente, o turismo funcionou como justificativa para a implementação de algumas obras de infraestrutura. Fato evidenciado pelo jornal Sul das Gerais, de 18 de abril de 1986:

Gonçalves se prepara para a instalação do primeiro hotel. Conforme o prefeito Eliseu Ribeiro de Barros, pessoas de São Paulo compraram um terreno de 8 alqueires para a construção de um hotel fazenda. Dessa maneira, o prefeito está fazendo contatos com Belo Horizonte para que este ano saia a construção dos 14 km de estrada, que liga a rodovia Itajubá/Dutra até o centro de Gonçalves todo feito em serra. Semana passada acompanhado de vereadores fui a Belo Horizonte, onde entreguei o pedido formalmente ao nosso governador Helio Garcia. Para o progresso

de Gonçalves, nós não vamos nos restringir a ideais políticos, a partidos políticos. Temos sim é que pensar nas futuras gerações e na presença do progresso que com a evolução cultural do povo deve estar presente.

Pode-se observar que o turismo não é trazido por habitantes da cidade e sim por “pessoas de São Paulo”, de forma genérica. Também é notório que já há um princípio de especulação imobiliária tão característica das cidades turísticas. Mas ainda se está no começo do turismo, há nessa justificativa (o hotel) algo com traços de especulação, pois atualmente sabe-se que nunca houve um hotel nos moldes descritos no recorte (mais adiante veremos que a própria prefeitura tencionou em construir um hotel na cidade).

Há que se afirmar também que a cidade já possuía sua cultura e que a “evolução cultural” pode ser interpretada como um posicionamento de não valorização da cultura popular, como se o turista fosse realmente trazer a cultura para a cidade.

Observa-se que surge então uma tensão entre dois tipos de cultura: a cultura local, própria dos habitantes da cidade e a cultura do turista, elitizada. Essa cultura do turista traz consigo a imagem de cultura “verdadeira”, de “valor”, já que se relaciona a pessoas de posses e letradas.

O turismo, impulsionado por um discurso sobre o progresso e a evolução cultural, modificou a economia da cidade. De certa maneira, o turismo acabou por trazer um desenvolvimento da cultura ao passo que turismo pode levar a uma “valorização” da cultura local. No entanto, o que se observa é que há um discurso sobre a cidade ligado aos ideais progressistas de fazer avançar a infraestrutura da cidade e “valorizar” a cultura local como bem de consumo.

Essa cultura local de que se fala tem a ver com o sonho bucólico buscado pela maioria dos turistas que se dirigem para a cidade procurando um tipo de turismo, o alternativo; um tipo de culinária específica; atividades diferenciadas, etc.

De acordo com a definição dada por Costa (2008, p. 36):

o turismo alternativo engloba formas que se contrapõem ao turismo de massa e requerem uma gama restrita de infraestrutura: Formas de turismo que demonstram ser coerentes com os valores natural, social e comunitário e que permitem que tanto hospedeiros quanto hóspedes desfrutem uma interação positiva e conveniente, e compartilhem experiências.

Assim sendo essa definição de turismo é a que mais se aproxima da forma de turismo aplicado na cidade de Gonçalves. O investimento crescente na infraestrutura da cidade observado ao longo dos anos permite o melhor acesso e o conforto do turista e fica claro que essas melhorias também são usufruídas pela população da cidade, principalmente no que tange à infraestrutura.

Surge então um paradoxo, pois essas melhorias na infraestrutura interferem na transformação da cultura local, alterando aspectos que a princípio eram comuns a maioria da população no que diz respeito aos costumes, à gastronomia, etc. Um exemplo disso é a “carne de lata” (carne suína frita, colocada em latas de metal e cobertas com a própria gordura, essa gordura ao esfriar se condensa e preserva a carne por alguns meses), que era uma alternativa para a conservação da carne suína em localidades onde não havia energia elétrica. Era comum encontrar esse tipo de alimento nas residências. Com a chegada da energia elétrica e a aquisição de geladeiras a carne de lata se tornou raridade e virou atrativo em alguns restaurantes. Numa relação que se recria atravessada pelo discurso do e para o turismo.

Parece-nos assim que a implementação do turismo provoca uma mudança na imagem da cidade e uma conseqüente tensão nos processos de identificação que por alguns pode ser vista como perda da identidade e das características originais que atraíram os primeiros turistas. Entretanto, temos como objetivo observar como se dá a produção da identidade de uma cidade e os deslocamentos de sentidos envolvidos na relação entre a cidade e o sujeito de Gonçalves e não defender a ideia de identidade imóvel diante do movimento da história, pois como afirma Orlandi (2002, p. 204) a “identidade é um movimento na história, ela não é homogênea e ela se transforma”. Então questionamos como se constitui a imagem da cidade face à implementação do turismo, discurso que insiste na ideia de que Gonçalves tem de

progredir. Isto é, parece que há um discurso sobre Gonçalves no qual a cidade se significa como voltada para o progresso, que o cidadão de Gonçalves deve ser arrojado e determinado para fazer progredir a cidade, deve-se buscar o progresso a todo custo.

É a partir daí que surge a ideia de necessidade de implementar o turismo sustentável, que é definido por Swarbroke, nas palavras de Costa(2008, p.46), como “um setor economicamente viável, mas que não exaure os recursos dos quais o turismo no futuro dependerá, principalmente o meio ambiente físico e o tecido social da comunidade local”.

Essa sustentabilidade almejada já é uma preocupação da população. O plano diretor da cidade pode servir de exemplo, pois já foi muito discutido e ainda não foi implementado. O referido plano regularia as obras de infraestrutura e as edificações da cidade e está nos planos do atual legislativo, conforme foi dito pelo presidente da Câmara de Vereadores Marcio Donizetti de Oliveira em seu discurso nas festividades do 50º aniversário da cidade em 2013.

Tanto o panorama geral apresentado anteriormente e esse breve histórico sobre a relação da cidade com o turismo explicam um esforço para criar e manter uma imagem de Gonçalves. Neste ínterim, é importante ressaltar que a imagem que se tem da cidade, seja do habitante, seja do turista, seja do sujeito que vem de fora, é parte do processo de construção de uma identidade para essa cidade. Por isso, a imagem de uma cidade com características bucólicas, que aparecem em determinados discursos para um determinado grupo social, podem figurar como garantia da sustentabilidade do turismo no município.

A tentativa de preservação de uma imagem surge como algo utópico frente ao movimento dos sentidos, mas é possível que alguns sujeitos entendam que as mudanças trazidas pelo turismo podem não ser benéficas e procurem manter a imagem de uma cidade de economia agrária. Por outro lado, pode haver aqueles que consideram que a imagem de uma cidade turística deve ser mantida, pois o turismo hoje é a principal fonte de renda da cidade.

Preservar uma imagem não é possível, porque os sentidos são sempre móveis e, por mais que se tente, sempre há no movimento de sentidos deslocamentos que incidem na imagem de um lugar.

As mudanças na imagem de uma localidade não dependem necessariamente das decisões políticas tomadas, quaisquer que sejam, mas estão elas ligadas ao modo como estas decisões políticas marcam-se nos discursos sobre a cidade. O arrojo administrativo dos anos 1980 permitiu o aumento do turismo nas décadas seguintes, mas a ideia de turismo sustentável não depende somente das decisões tomadas hoje, há todo um jogo político que fomenta esta ideia.

Outro aspecto a ser observado é que sustentabilidade que, normalmente, remete à questão da preservação ambiental (sem deixar de ser economicamente viável), pode ser entendida como um meio de se buscar o **sustento**, funcionando como um arcabouço no qual são inseridas ações que, não necessariamente, são ecologicamente viáveis.

Silva (2010, p.5) explica que “o discurso ecológico vai ser significado pela noção de ‘desenvolvimento sustentável’”. A autora afirma que:

Essa noção funciona como referência na produção de sentidos relativos ao discurso ambiental (ou aos discursos ambientais) para uma direção política por parte do Estado, quer dizer, na direção de uma dada “economia de mercado” globalizada, que se expande junto aos discursos da “cidadania” de modo geral: os discursos da inclusão social pelo acesso à educação, à tecnologia digital, pelo respeito ao meio ambiente, pela responsabilidade social e ambiental (no caso das empresas). Estes são discursos da globalização que criariam ou favoreceriam uma governabilidade transnacional, isto é, trata-se de um “pacote” que se apresenta no sentido da constituição de um *sujeito cidadão* (ou de uma empresa cidadã) neste mundo globalizado... E daí, desse contexto – são essas as condições de produção desse discurso –, que vem o termo “desenvolvimento sustentável”, pressupondo-se, com esse termo, que o sentido de “desenvolvimento” deve ser mantido, em sua opacidade mesma. Ou seja, sobre o que é o desenvolvimento na sociedade brasileira para os diferentes sujeitos não se discute. O que significaria que o sentido de tal termo seria transparente, funcionando em um efeito de evidência. O investimento no termo “desenvolvimento sustentável”, antes, silencia a discussão sobre os sentidos de “desenvolvimento”, que se mantém, de fato, nessas condições, como emblema das relações de mercado e do sistema econômico capitalista.

Levando em consideração a reflexão acima, poderíamos dizer que o discurso sobre turismo sustentável em Gonçalves funciona para construir uma imagem de cidade cidadã, que

atrai o turista, pois se trata de uma cidade que possui “consciência ambiental”. A sustentabilidade funciona como uma espécie de “palavra mágica” no mercado globalizado, “atendendo” às necessidades econômicas de quem implementa o turismo sustentável, e ao mesmo tempo tranquilizando o turista que vai a um lugar sustentável, porque assim estará ajudando a desenvolver um turismo que tem “consciência ambiental ou ecológica”

No entanto, a ideia sustentabilidade é usada como meio para a manutenção da economia capitalista globalizada, está diretamente ligada a outra ideia, a de desenvolvimento, que como acentua Silva (2010), silencia os sentidos a respeito do que venha ser e significar o desenvolvimento.

Capítulo 2-AS DIREÇÕES DO CAMINHO PERCORRIDO

2.1 Como se constitui o sujeito, o discurso e a identidade

Para estudarmos como surge a identidade de uma cidade, se torna necessário primeiro fazer uma explanação dos conceitos que estão envolvidos e cuja compreensão permitirá que observemos esse processo a partir da análise de discursos sobre Gonçalves.

Creemos ser necessário principiarmos com o conceito de identidade.

Identidade para a Análise de Discurso, encabeçada por Michel Pêcheux, é definida por Orlandi (2011, p 11) da seguinte maneira: “identidade não é o fato da essência do indivíduo, mas um fato da existência, da experiência, da práxis do sujeito individuado”. De acordo com Costa e Honório (2007, p.01), “os sujeitos constroem suas identidades afetados pelo simbólico, pelo ideológico e pelo *lugar*, estas, ao serem discursivizadas, não se constituem como uma unidade identitária, mas como efeitos de identidade”. Desta forma, não se tem uma identidade fixa, imutável, o que existe são processos de identificação, a partir dos quais se assume um posicionamento (posição sujeito). Nestes processos de identificação, pode-se notar a constituição da formação discursiva, o funcionamento da ideologia e a incidência da memória discursiva.

Torna-se então necessário pontuar o modo pelo qual se dá a constituição do sujeito. Para isso, primeiramente apresentamos o percurso pelo qual enveredamos. Percurso este no qual se formularam os conceitos e se pode observar algumas análises que nortearam nossa compreensão.

Pêcheux (1969) nos leva a refletir sobre os problemas da análise de conteúdo; fazendo ver que a análise de conteúdo fica presa ao nível supralinguístico, cujo trabalho é mecânico e de resultado unívoco. Para Pêcheux, a análise de conteúdo possui resultado previsível, pois o analista segue por veredas que lhe permitem prever o final. O autor mostra que a análise de conteúdo deixa de lado aspectos importantes na produção de um enunciado (a formação ideológica, por exemplo), ressaltando que, na análise de discurso, o mais importante é a busca da compreensão de como um objeto simbólico produz sentido. Nesta direção, Orlandi (2009, p.26) explica que um objeto simbólico “está investido de significância para e por sujeitos”.

Desta maneira, para a Análise de Discurso, é preciso ir além da superfície textual quebrando a ilusão de que a linguagem é transparente. Somente desta forma é possível observar como sentidos de um discurso se constituem enquanto efeito e funcionam na sociedade.

Outro ensinamento importante de Pêcheux (1969) está no conceito de discurso tomado como efeito de sentido entre locutores. O autor assinala que esses efeitos de sentido não ocorrem entre meros “organismos humanos individuais”, os sujeitos ocupam uma determinada posição. Isso porque, conforme Pêcheux (1969), o indivíduo passa por um processo que o “transforma”, ou seja, pelo processo de assujeitamento. O assujeitamento ocorre quando o indivíduo é interpelado pela ideologia em sujeito, isto é, é assujeitado à língua e ao jurídico. Orlandi (2009, p.50) nos mostra que se trata um processo no qual o sujeito é, contraditoriamente, livre e submisso. Segundo a autora, o resultado dessa contradição é a ilusão de que ele “(o sujeito) é capaz de uma liberdade sem limites e de uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua”.

Na constituição do sujeito há ainda o processo de individuação. Neste processo, segundo Costa (2014, p. 95), a produção de efeitos de sentido e de sujeitos é pensada também a partir da relação com o Estado, uma vez que é ele o articulador simbólico-político que

individua os sujeitos. Orlandi (2012) por sua vez explica que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia no simbólico.

Com efeito, a forma-sujeito-histórica é constituída sob a égide do capitalismo, ou seja, a forma-sujeito é capitalista e, por sua vez, se sustenta no jurídico. Por consequência, a forma-sujeito-histórica capitalista caracteriza-se pela ideia de que o sujeito tem direitos e deveres, é livre e ao mesmo tempo responsável. Essa mesma forma é individuada pelo Estado e suas instituições (COSTA, 2014, p. 96).

O resultado deste processo é um sujeito individuado "que vai estabelecer uma relação de identificação com esta ou aquela formação discursiva. E assim se constitui em uma posição-sujeito na sociedade" (ORLANDI, 2012, p. 228). É a partir dessa posição-sujeito que o sujeito se identifica como professor, aluno, mineiro, gonçalvense, etc.

Orlandi (2009, p. 46) nos mostra que existe a evidência “de que somos sempre já sujeitos”. De acordo com a autora, se apaga o fato de o indivíduo ser interpelado pela ideologia, sendo este apagamento constitutivo da identidade.

Baldini (2009, p. 17-18) afirma que:

Justamente por apresentar-se como evidente, o termo ‘sujeito’ é ambíguo e de difícil definição. Pode significar ‘pessoa’, aquele de quem se fala, ou, em termos gramaticais, aquele de quem se fala. De qualquer modo trata-se sempre de nomear o ‘ser’. Ser tomado como indivisível, senhor de seus atos e vontades, estrategista. O funcionamento dessa evidência mascara um processo bastante complexo de identificações, em que o indivíduo é interpelado em sujeito .

A compreensão de como se dá a constituição do sujeito nos auxiliará a encontrar um melhor entendimento dos processos de identificação constitutivos dos sujeitos.

É importante saber que todo assujeitamento se dá em uma determinada conjuntura sócio-histórica. O homem medieval vivia sob o regime feudal, regido pelas leis da Igreja. Na atualidade se vive na sociedade capitalista, sob as leis de mercado. Tornando-se, de acordo com Orlandi (2011, p.22), sujeito jurídico “com direitos, deveres e livre circulação”.

Dito de outra maneira, a relação do sujeito com o Estado tem consequências sobre o processo (individuação), no qual o sujeito se submete às leis do Estado e é individuado por ele e seus discursos. Orlandi (2011, p.22) esclarece que

As formas de individuação do sujeito pelo Estado, estabelecidas pelas instituições, resultam em indivíduo, ao mesmo responsável e dono de sua vontade. É o sujeito individuado, de natureza sócio-histórico ideológica, indivíduo já afetado pela língua e pela ideologia que se identifica pela sua inscrição nas diferentes formações discursivas, de que se resultam distintas posições sujeitos, relativamente às formações sociais. Assim, a noção de sujeito individuado não é psicológica, mas política, ou seja, a relação indivíduo-sociedade é uma relação política.

Assim sendo, não se pode pensar isoladamente cada um dos elementos da constituição do sujeito.

Conforme observado a ideologia está sempre presente no discurso, pois não há discurso sem sujeito e nem sujeito sem ideologia. Daí a necessidade de se compreender que as formações ideológicas produzem evidências

pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queiram dizer o que realmente dizem’, e que mascaram assim sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o caráter material do sentido das palavras e dos enunciados (Pêcheux, 1988, p.160).

Desta forma, desmente-se a ilusão de que a língua é transparente e o sentido não é intrínseco das palavras, o sentido é efeito da interpretação impulsionada pela ideologia. Tem-se a ilusão de que a língua é transparente. Mas, é pela ideologia que se produz a ilusão de literalidade de um enunciado, uma vez que essa ilusão apaga o processo histórico da constituição do discurso, do sujeito, do sentido.

Baldini (2009) nos explica, através de Althusser e Henry, que não há exterior à ideologia, nunca se está fora de uma ideologia. Com certeza existe sempre uma ideologia dominante, mas “a questão é que o exterior de uma ideologia é outra ideologia” (Henry *apud* Baldini, 2009, p.20).

Assim a ideologia é a mola propulsora da produção dos sentidos e da constituição dos sujeitos. Ela também atuará no momento em que interpretamos. A ideologia estará sempre intimamente ligada à formação discursiva, na qual o sujeito ocupa determinada posição. Lembrando que a formação discursiva é “aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito” (Orlandi, 2009, p. 43). Tudo o que é dito só poder ser dito em uma formação discursiva, essa condição também determinará o sentido produzido (mudando a formação discursiva, muda-se também o sentido produzido). A formação discursiva determinará também a forma como será compreendido o que é dito, pois a forma de interpretarmos um discurso estará relacionada ao modo como foi estabelecida a nossa formação discursiva.

Nesta perspectiva, outro conceito muito importante é o de memória discursiva, o interdiscurso, definido por Orlandi (2009, p. 31) como

o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada

As maneiras pelas quais a memória, ou o interdiscurso incidirá sobre o intradiscurso, ou nas palavras de Orlandi (2001), na formulação, variam de acordo com a posição discursiva ocupada pelo sujeito. Deste modo, podemos dizer que o modo de incidência da memória tem a ver com o processo de individuação do sujeito pelo Estado e seus discursos. Também é preciso observar que a relação entre a memória e o esquecimento, ou seja, entre o que é lembrado e o que é esquecido tem a ver com a ativação da memória no discurso.

Ao refletir sobre a enunciação, Pêcheux nos mostra como se constitui o esquecimento nº1 da seguinte forma:

Se definimos a enunciação como a relação sempre necessariamente presente do sujeito enunciador com seu enunciado então aparece claramente, no próprio nível da língua, uma nova forma de ilusão segundo a qual o sujeito se encontra na fonte do sentido.” (Pêcheux, 1975, p.173).

O esquecimento nº 1 seria o discurso adâmico, isto é, a partir dele o sujeito acredita ser a fonte do sentido.

Mais adiante em seu texto Pêcheux (idem, p. 175) apresenta o conceito do esquecimento nº 2 desta maneira:

Diremos que os processos de enunciação consistem em uma série de determinações sucessivas pelas quais o enunciado se constitui pouco a pouco e que tem por característica colocar o ‘dito’ e em consequência rejeitar o ‘não dito’. A enunciação equivale pois a colocar fronteiras entre o que é ‘selecionado’ e tornado preciso aos poucos (através do que se constitui ‘universo do discurso’), e o que é rejeitado. Desse modo se acha, pois, desenhado num espaço vazio o campo de ‘tudo que teria sido possível ao sujeito dizer (mas que não diz)’ ou o campo de ‘tudo a que se opõe o que o sujeito disse’. Esta zona do ‘rejeitado’ pode estar mais ou menos próxima da consciência e há questões do interlocutor - visando fazer, por exemplo, com que o sujeito indique com precisão ‘o que ele queria dizer’- que o fazem reformular as fronteiras e reinvestigar esta zona. Propomos chamar esse efeito de ocultação parcial e de identificar aí a fonte da impressão de realidade do pensamento para o sujeito (‘eu sei o que eu digo’, ‘eu sei do que falo’).

Através do esquecimento nº 2 o sujeito tem a ilusão de que o que ele diz só pode ser dito de uma maneira. Quando sabemos que o que se diz já foi significado de inúmeras maneiras.

Conforme Pêcheux (1975) o esquecimento também está relacionado à ideologia e ao interdiscurso (memória discursiva). Segundo o autor, as condições para o funcionamento das duas formas de esquecimento são as seguintes:

A análise do processo de assujeitamento conduz, assim a considerar dois modos ligados de determinação do ato de enunciação pela exterioridade do enunciável, ou interdiscurso: o interdiscurso como preenchimento, produtor de um efeito de consistência no interior do formulável e o interdiscurso como oco, vazio, deslocamento, cuja intervenção ocasiona um efeito de inconsistência (ruptura, descontinuidade, divisão) na cadeia do reformulável (PÊCHEUX, 1975, p.22).

O interdiscurso dá efeito de consistência, ligando-se de certa forma ao esquecimento nº 1, aquele que faz com que o sujeito acredite ser origem de seu dizer. Essa consistência cria o sentimento de segurança necessário para o sujeito acreditar que é origem do que diz. O

efeito de consistência cria ruptura, possibilita a reformulação, fato que podemos relacionar com o esquecimento nº 2, aquele que permite que o sujeito se esqueça de que aquilo que diz pode ser dito de outra maneira. A ruptura dos sentidos abre caminhos para o funcionamento de outros sentidos e de outras formas para a produção dos dizeres.

A memória discursiva de certa forma atua na “relação imaginária” que sustenta a constituição de um sentido.

Para nós, o conceito de formação imaginária é fundamental para a reflexão que propomos, tendo em vista que as formações imaginárias são definidas como as imagens que o interlocutor tem de si mesmo, do outro e do referente na relação com outro interlocutor. As formações imaginárias são muito relevantes em nosso estudo, pois a compreensão da maneira como elas se formam pode nos auxiliar muito na observação de como ocorre a construção de uma identidade de Gonçalves. De acordo com Costa e Honório (2007,p.01):

Considerando que o sujeito constrói seu dizer nas bases do imaginário com o qual ele se identifica, o imaginário que ele constrói sobre seu espaço e o espaço do outro tem por função sustentar os processos que vão da identificação à construção da identidade; e é somente por um trabalho de desarranjo/rearranjo desses processos que a identidade pode estar sempre em formação/transformação. Em nossas reflexões, temos observado que este processo permite ao sujeito encontrar outros lugares de dizer, outros lugares de identificação, e não somente aqueles da identificação plena com a formação discursiva na qual se inscreve, o que lhe abrirá a possibilidade de um (re)colocar-se no processo de produção de sentidos sem que precise abandonar aqueles saberes que o constituíram e dos quais sempre fará uso em seu dizer.

Assim pode-se justificar a mobilidade e a flexibilidade dos processos de identificação, auxiliando-nos na compreensão dos processos de identificação na cidade de Gonçalves. Neste caso, é importante refletir que a “identificação plena” é algo utópico, uma vez que, se a identidade está sempre em mudança, está sempre se “atualizando”, não há meios de se ter plenitude identitária.

2.2 O espaço, a memória e a construção identitária

Na busca da compreensão dos processos de constituição de uma identidade da cidade de Gonçalves, deparamo-nos com a questão levantada por Orlandi (2011) sobre a distinção entre *território* e *territorialidade*.

Território é apresentado como “terra apropriada” e relaciona-se ao Estado, seu espaço físico, seus limites. Territorialidade, por sua vez, faz parte das condições de produção. Territorialidade é, segundo a autora:

Espaço histórico e simbólico. Espaço de interpretação. Nesse caso o que refere ‘território’, espaço institucionalizado, nomeado pelo poder do estado. Que faz unidade e demanda **identidade**. Espaço significado politicamente e que, por isso inscreve o **processo de identidade** no discurso do Estado” (grifo nosso) (p. 20).

Fica claro que sem um território definido, sem a definição do poder do Estado a territorialidade não possui plenitude, não fortalece a relação “solo e sangue”. Daí a necessidade do processo de emancipação da cidade de Gonçalves. Desta relação surgem os discursos que analisaremos mais adiante. Nesses discursos surgem marcas que sinalizam uma *unidade* com um determinado local.

Em Gonçalves essas marcas estariam na repetição de determinados termos ao se descrever a cidade ou na presença constantes de imagens que remetam à presença de araucárias na região, ou à igreja, ou aos elementos naturais da paisagem, ou ainda à imagem de cidade pacata e bucólica. Esses elementos aparecem com regularidade nos discursos que envolvem a cidade.

Para finalizar faz-se necessário uma breve reflexão sobre a *memória histórica* e *lugares de memória* a fim de diferenciá-las ou relacioná-las à noção de memória discursiva.

A memória histórica, conforme Payer (2011, p.37), faz parte da constituição das práticas de significação. De acordo com a autora, “a memória histórica se imprime na linguagem e nos sujeitos, constituindo um dos mais fundamentais fundamentos do dizer”.

Assim deve-se entender a memória institucionalizada que de acordo com Orlandi (2003b, p.15) se define da seguinte maneira:

Já o que estamos chamando arquivo é a memória institucionalizada, estabilização de sentidos. No arquivo, o dizer é documento, atestação de sentidos, efeito de relações de forças. Se no interdiscurso há o que se deve dizer, mas também o que se pode dizer e mesmo a possibilidade de se dizer o irrealizado, o arquivo repousa sobre o realizado, menos sobre o que pode e muito mais sobre o que deve ser dito. No arquivo há, assim, um efeito de fechamento. Se o interdiscurso se estrutura pelo esquecimento, o arquivo é o que não se esquece (ou o que não se deve esquecer). Se no interdiscurso fala uma voz sem nome (cf. Courtine), no arquivo fala a voz comum, a de todos (embora dividida).

Sendo assim, todo enunciado está inserido em um contexto histórico que suscita uma memória histórica, memória institucionalizada, onde se percebe uma *administração da memória*. Essa administração associa-se ao que se pode ou não dizer. Que funciona a partir do político, do ideológico.

Refletir sobre a administração da memória nos põe em contato com o trabalho de Nicole Loraux, através das palavras de Orlandi (2010b, p.628), onde vemos como o político e o ideológico determinam o que se deve lembrar e o que se deve esquecer. Pode-se afirmar, a partir deste ponto, quais as razões de se apagar os nomes dos três irmãos Gonçalves, pois, refletindo sobre o texto de Nicole Loraux, Orlandi nos mostra que “é preciso lembrar de esquecer para que (a) sociedade se mantenha. Desta maneira, esquece-se para manter unida a sociedade. A administração da memória se efetiva através do discurso dominante e de seus representantes. Esse fato é importante em nosso trabalho tendo em vista o modo como um certo discurso sobre a cidade de Gonçalves vai sendo tecido e produzindo efeitos.

Esse entendimento nos mostrará como o discurso do turismo se firma em Gonçalves e como a imagem bucólica que se associa à cidade surge nos discursos sobre ela.

Capítulo 3-OS DISCURSOS SOBRE A CIDADE NA CONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM DE GONÇALVES

3.1. Material pesquisado

Para buscar uma compreensão sobre o modo de constituição identitária da cidade de Gonçalves, tomamos como material de análise textos jornalísticos, textos panfletários, entre outros. Além disso, os textos escolhidos pertencem a épocas diferentes, o que pode nos ajudar na compreensão das transformações e deslocamentos de sentidos na construção de uma identidade de Gonçalves.

É importante ressaltar que a maior parte do material de análise pertence aos arquivos do Departamento de Turismo e Cultura de Gonçalves, em grande parte composto por textos jornalísticos. Pode-se refletir também que o fato do material ter sido arquivado no Departamento de Turismo e Cultura e não em outro departamento (departamento de patrimônio histórico, por exemplo) é significativo na constituição do material de análise, indicando que há uma relação fundante entre turismo e cultura em Gonçalves, na estabilização de sentidos, atrelando o turismo à história da cidade.

É importante dizer também que nesses arquivos não existem reportagens ou outros textos referentes aos primeiros vinte anos da nova cidade. É possível que essa ausência de material nos arquivos municipais se deva aos problemas que a nova cidade atravessou nos seus primeiros anos. O principal problema provavelmente era a falta de recursos para estruturar a administração e realizar obras. Sabe-se que boa parte da população não possuía luz elétrica e sistema de água e esgoto satisfatórios. O acesso à cidade era realizado somente

por estradas de terra. Desta forma, é possível que, nos primeiros anos, a administração tenha mantido foco em solucionar os problemas mais urgentes e estruturar a prefeitura para que a administração tivesse os meios para melhor gerir a cidade.

Isto suposto, ao se analisar a “Linha do Tempo do Município de Gonçalves” (mandada arquivar pelo prefeito Eliseu Ribeiro de Barros em 24 de fevereiro de 1995) e um panfleto comemorativo pelo 18º aniversário de emancipação distribuído pela prefeitura. Documento este que registra fatos como a instalação do Destacamento da Polícia Militar (1965) e a construção do Paço Municipal (1968).

Outra informação relevante sobre os arquivos municipais e que dificultou nosso trabalho foi o fato de que parte do material arquivado não possuía referências completas, ou seja, eram recortes de jornais que foram feitos sem a preocupação em se registrar a fonte ou data.

Assim surgem hipóteses sobre a ausência de textos: não se arquivou por não se ver interesse devido à preocupação maior com outras necessidades da cidade ou por não existirem muitas produções (o município ainda não atraía o interesse da mídia). Também é provável que os responsáveis pelo arquivamento do material não tivessem o devido preparo para desempenhar tal função, o que explicaria a falta de organização e de registros completos. Há que se considerar também que o prédio onde os arquivos pesquisados se encontram é relativamente novo, o que significa que os mesmos foram deslocados de outro local, outra possível causa da falta de organização dos arquivos.

Em contrapartida, há de se pensar que a forma como o arquivo municipal está constituído também é significativo para nosso estudo. Observa-se em Pêcheux (2010, p.51) que o arquivo já significa em sua constituição, a forma como o arquivo surge já significa em relação à construção de sentidos. Segundo o autor, na constituição do arquivo “os aparelhos

do poder de nossas sociedades gerem a memória coletiva” e ao se ler o arquivo se marca uma divisão social de leitura, cujas partes se recobrem criando uma relação de dependência.

Assim há na constituição dos arquivos uma relação marcada pelo político e pelo ideológico que determina o que é "relevante" para ser arquivado e o que não se deve arquivar.

Guilhaumou e Maldidier (2010, p. 162) explicam que:

O arquivo nunca é dado a *priori*, e em uma primeira leitura, seu funcionamento é opaco. Todo arquivo, principalmente manuscrito, é identificado pela presença de uma data, de um nome próprio, de uma chancela institucional etc., ou ainda pelo lugar que ele ocupa numa série. Essa identificação, puramente institucional, é para nós insuficiente: ela diz pouco do funcionamento do arquivo. Nossa prática atual de análise de discurso retoma preocupações dos historiadores de mentalidades, que na construção de objetos como a morte, o medo, o amor, o profano e o sagrado, instalam, pela confrontação de séries arquivistas, regimes múltiplos de produção, circulação e leitura de texto.

Sendo assim, é importante pensar que talvez se pretendesse nortear a leitura de quem pesquisasse nos arquivos municipais. Por isso é preciso se pensar: por que esse texto foi arquivado e não outro? E assim, retornamos ao pensamento de Loraux e visualizamos o funcionamento do político e do ideológico na constituição do arquivo municipal. Preservando-se o que se considerou "necessário" dizer, arquivar, lembrar sobre sociedade e apagando-se o que foi considerado irrelevante para o poder vigente.

O próprio discurso sobre a cidade que diz respeito ao desenvolvimento, a Gonçalves estar sempre em desenvolvimento, na expectativa de atingir o desenvolvimento, também contribui para que o arquivo funcione de maneira semelhante, sempre na expectativa de ser desenvolvido, completado.

À medida que fomos fazendo a leitura dos textos encontrados, observamos que um discurso atravessava esses textos na tentativa de contar a história da cidade, o que nos levou a pensar no funcionamento do discurso fundador, aquilo que “re-significa o que veio antes e institui aí uma memória outra”, aquilo que institui “um outro lugar de sentidos estabelecendo

uma outra região para o repetível (a memória do dizer), aquela que a partir de então vai organizar outros e outros sentidos" (Orlandi, 2003: p. 15).

Suspeitamos que a construção da capela dedicada a Nossa Senhora das Dores em pagamento à promessa de Policarpo Teixeira Almeida Queiroz Junior remete a um efeito de discurso fundador de Gonçalves, tendo em vista que a própria promessa passa a ecoar como um discurso fundador da cidade. Neste caso, um discurso religioso se constitui por ecos desse discurso de fundação.

A construção da capela está ligada às belezas naturais do local, uma vez que Policarpo poderia ter doado outras terras, em outro lugar. A escolha do local para a capela pode ter levado em consideração a paisagem da região. A partir da construção da capela surgiu o povoado e posteriormente a cidade. A igreja é o centro da cidade e aparece de alguma forma em grande parte do material analisado, da mesma forma que algo que faz referência às belezas naturais da localidade. Essa presença da igreja e da natureza no material faz referência à institucionalização do discurso fundador da cidade.

Para nosso estudo analisamos enunciados que apresentavam dados mais completos no que se refere à fonte e data, pelo menos.

Parte do material pesquisado constitui-se de reportagens e artigos produzidos por pessoas que não residem na cidade. Para nosso material de análise, selecionamos textos de jornais de circulação local, isto é, discursos que circulam ou circularam apenas nas cidades próximas. Este recorte do material é composto por:

- Sul das Geraes (Pouso Alegre, 18 de abril de 1986),
- Folha do Vale do Sapucaí (Pouso Alegre, 1º de dezembro de 1994),
- Jornal Reportagens (Alfenas, 15 de junho de 1998),
- O Regional das Alterosas (Cambuí, agosto de 2006),

- Gazeta do Vale (Cambuí, 4-18 de abril de 2012).

Este material circula ou circulou pelas cidades próximas, alguns são de distribuição gratuita (O Regional das Alterosas e Gazeta do Vale, por exemplo), retratando atividades da administração pública, personalidades locais, acontecimentos e textos de opinião. Além disso, alguns deles trazem enunciados produzidos por habitantes da cidade (entrevistas, artigos e textos de opinião).

Dentre os enunciados selecionados para análise, como veremos a seguir, existem alguns que circulam em centros urbanos (Vale do Paraíba e região de São Paulo) de onde se originam muitos turistas que vem para a cidade. Esses enunciados estão presentes em cadernos de turismo ou em publicações específicas sobre turismo e têm por objetivo divulgar a cidade nos locais por onde os mesmos circulam. Algumas reportagens foram produzidas a pedido de empresários da cidade ou por entidades que os representassem conforme será exposto mais adiante. Esses enunciados estão presentes em:

- Folha de São Paulo (março de 1992),
- Folha de São Paulo (19 de junho de 1994),
- Jornal da Tarde (6 de abril de 1995),
- Jornal Diário do Vale (São José dos Campos, 1º de julho de 1995),
- Jornal Estado de São Paulo (19 de julho de 1998),
- Diário do Grande ABC (28 de agosto de 2003),
- JC Turismo e Lazer (Jundiaí, 27 de agosto de 2003),
- Vale do Paraíba (24 de setembro de 2003),
- Diário do Grande ABC (29 de junho de 2006),
- Vale Paraibano (29 de outubro de 2008).

Há ainda um recorte pertencente à Revista Razões (1983) para o qual não conseguimos identificar cidade de origem.

Esse material, em sua maioria, é encontrado em bancas de jornal, tem grande circulação, principalmente no estado de São Paulo.

Outro recorte do material de análise é composto por reportagens produzidas na capital mineira e pode representar a preocupação de expandir a divulgação da cidade, diversificando as possibilidades no que se refere às origens dos turistas que se dirigem para a cidade. É fato que algumas publicações são de responsabilidade do governo estadual, mas mesmo assim divulgam a cidade, pois essas publicações são distribuídas nas repartições públicas por todo o estado de Minas Gerais.

Pode-se concluir que as publicações de responsabilidade do governo estadual são de fundo político, é possível afirmar que visam obter apoio político regional para a administração estadual. Há ainda a possibilidade de ser uma tentativa dos prefeitos de obterem destaque regional.

De modo geral, essas publicações têm efeito panfletário, ou seja, têm por objetivo divulgar os feitos da administração estadual e municipal, mesmo que essas publicações só circulem em repartições públicas.

Este recorte do material de análise é composto por:

- Municípios Mineiros (28 de maio de 1985),
- Folha do Estado (1986),
- Jornal Estado de Minas (12 de março de 1989),
- Jornal Estado de Minas (29 de novembro de 1996),

A produção do imaginário também é uma das razões de nosso material de análise conter alguns folders e informativos sobre a cidade, pois contêm material discursivo que têm

por objetivo influenciar o turista, fazer com que o mesmo tenha interesse em se dirigir para a cidade. Os folders também são uma representação da imagem produzida pelo habitante da cidade. Este material foi produzido para divulgar a cidade, atrair turistas e, desta forma, fazer com que o turista consuma produtos e serviços na cidade. Aumentar o consumo de produtos da cidade é uma das razões que fazem com que esses enunciados sejam patrocinados por empresas da cidade, não apenas pousadas, mas lojas, restaurantes, supermercados, imobiliárias, padarias entre outros.

Esse patrocínio justifica-se por causa do efeito publicitário, busca-se levar o turista a consumir nas empresas que patrocinam esses folders e informativos. Pode-se afirmar que esse recorte possui caráter altamente panfletário. Esse recorte objetiva “vender” a cidade, seus produtos e serviços.

Este material está distribuído de modo a que se torne acessível ao turista e desempenhe com êxito a função de atrair o turista para a cidade. Sendo encontrado em pousadas, agências de viagem, restaurantes, em lojas de conveniência, etc.

Movimentar a economia da cidade também é razão para a criação de eventos como o Festival de Inverno, o Inverno Orgânico, o Festival de Gastronomia e Cultura da Roça e as trilhas e eventos relacionados a esportes radicais.

As reportagens antigas podem demonstrar o funcionamento do rural, do bucólico no período em que a economia era essencialmente agrária.

Os jornais de épocas diferentes possibilitam observar as mudanças ocorridas quando a economia de Gonçalves mudou o foco da agropecuária para o turismo.

Esta mudança foi significativa, pois por causa dela surgiu a necessidade de se produzir materiais de propaganda visando à divulgação da cidade e a atração de turistas. A produção de reportagens e outros textos foram motivados pelo turismo. Para isso, entidades públicas e

privadas possibilitaram a vinda da mídia para a produção de reportagens e material de propaganda.

Nosso material de análise também é composto por dois vídeos: o primeiro data de 1950 e foi produzido pela Cinegráfica Anhanguera (a pedido da prefeitura de Paraisópolis) para homenagear a cidade de Paraisópolis (cidade a qual Gonçalves pertencia) e que possui um trecho dedicado ao, na época, distrito de Gonçalves. O segundo vídeo é uma gravação do programa Cafundós do Brasil, da extinta Rede Mulher e mostra a cidade em meados dos anos 1990, quando o turismo já se definia como foco econômico.

Ambos os vídeos são importantes porque retratam o cotidiano da cidade em épocas diferentes e mostram personagens importantes da cidade.

O vídeo de 1950 (que foi gravado em DVD juntamente com outro vídeo semelhante sobre a cidade de Paraisópolis em 2008, também a pedido da prefeitura de Paraisópolis) mostra personagens que se envolveram no processo de emancipação da cidade e na administração do novo município, como Antenor Vieira da Silva, comerciante e ex-prefeito da cidade. Este vídeo aparentemente foi distribuído para poucas pessoas, provavelmente para pessoas que tivessem alguma ligação familiar com os personagens citados no vídeo.

O vídeo da Rede Mulher serve para mostrar as primeiras mudanças ocorridas com o turismo e serve como exemplo das primeiras divulgações da cidade voltadas à atração de turistas e provavelmente foi a primeira reportagem de TV sobre a cidade. A equipe do programa foi convidada pelo prefeito da época, José Francisco Neto, e o mesmo foi exibido em 25 de maio de 1997. O programa Cafundós do Brasil buscava exibir cidades que representassem o passado bucólico do Brasil. Durante a programação da Rede Mulher o apresentador, Paulinho Vital Ribeiro, fazia chamadas para que prefeitos ou pessoas interessadas convidassem o programa para mostrar as cidades “pitorescas dos cafundós do Brasil”. No programa Cafundós do Brasil também há depoimentos de habitantes da cidade.

Essas entrevistas podem auxiliar na compreensão de como foi se constituindo uma identidade para a cidade.

Nosso material de análise é composto também pelo hino da cidade, que apresenta material discursivo interessante para nossa análise. O referido hino foi aprovado pela lei 634 de 27 de fevereiro de 1994 e é de autoria de Nelson Biasoli.

Antes de finalizar há um recorte do material de análise que obtivemos com o auxílio do senhor Wagner Resende Camargo, oficial do registro civil e filho de Antonio de Souza Camargo, que teve o cuidado de guardar recortes de jornais sobre a cidade de Gonçalves. Entre esses recortes há uma reportagem datada de agosto/ setembro de 1977, trata-se de um recorte do Jornal do Interior. Neste recorte já se pode perceber o interesse em transformar o turismo em meta para a economia da cidade. A Wagner também agradecemos por ter nos cedido um recorte do Jornal O Clarim da cidade de Itajubá, sob o qual analisamos o discurso fundador da cidade.

Nesse material também está presente, entre outros, o enunciado “Pérola da Mantiqueira” que serve para designar a cidade.

3.2. Os irmãos Gonçalves e a fundação da Cidade

Iniciamos a análise do material de análise com um recorte do jornal “O Clarim”, da cidade de Itajubá. O artigo assinado por Antonio de Souza Camargo tem por título **A cidade de Gonçalves** - segundo de uma série - e traz duas versões que dirigem o sentido do topônimo.

A primeira versão condiz com o que aparece formulado nos históricos oficiais da prefeitura do município. O trecho recortado é o seguinte:

1. *“Há com respeito à toponímia de Gonçalves, duas versões. Uma atribui a origem de seu nome a uma família Gonçalves, que existia no lugar. Era gente paupérrima. Estava reduzida a três pessoas: duas senhoras e um senhor, todos solteiros. Instrução rudimentar o cidadão gostava muito de música e dedilhava sua canção da cana verde, dedilhando sua viola. Não deixaram descendentes, mas legaram seu nome à terra.”*

A outra versão presente no texto aparece logo na sequência da seguinte forma:

2. *“A outra versão se prende à existência de uma serra com o nome de Gonçalves. É uma ramificação da serra do Machado, que é também galho da Mantiqueira.”*

Vê-se que nenhum dos trechos citados faz menção aos primeiros nomes dos Gonçalves. Em 1, mostra-se que a família não tinha origem nobre, não tinha instrução e tampouco possuía propriedades, mas deixou seu nome à cidade, o nome Gonçalves virou referência para a designação do local onde foi construída a capela que deu origem à povoação e em seguida à cidade. Pode-se observar na sequência do texto de Antonio de Souza Camargo que há citações dos nomes de Policarpo Teixeira de Almeida Queirós Junior e sua esposa, pessoas de posses e que doaram as terras para pagar uma promessa, conforme expomos a seguir: “em cumprimento à promessa feita a Nossa Senhora das Dores. Chamava-se Policarpo

Teixeira de Almeida Queiroz Júnior e tinha por esposa D. Carolina Maria de Queiroz e foram eles doadores do terreno que constitui a zona urbana da cidade”.

É interessante notar que a versão citada em 2 não foi encontrada em nenhum outro material pesquisado, somente a versão de 1 aparece nos documentos da prefeitura.

Outro fato interessante é que o nome Gonçalves é de origem portuguesa e, conforme observado no primeiro capítulo deste estudo, os irmãos Gonçalves eram cafuzos. Sendo assim, a hipótese de que o sobrenome foi adotado de algum senhor (de terras e de escravos) é no mínimo plausível.

Ainda que houvesse outras versões para o nome da cidade, o fato é que a nomeação só ocorre a partir da construção da capela. A construção da capela no local onde os Gonçalves viviam é o acontecimento que vai produzir um novo discurso, novas significações para a cidade. Essa construção é que irá, de acordo com Orlandi (2003 p.8), transfigurar o sem-sentido em sentido, pois a inauguração da capela vai simbolizar a materialização do discurso fundador da cidade. De acordo com Orlandi (idem, p13) através do discurso fundador

O sentido anterior é desautorizado. Instala-se outra ‘tradição’ de sentidos que produz outros sentidos nesse lugar. Instala-se uma nova ‘filiação’. Esse dizer irrompe no processo significativo de tal modo que pelo seu próprio surgir produz sua ‘memória’.

Ainda segundo a autora, vê-se que o discurso fundador busca legitimação nos “retalhos” de significação. No caso da cidade de Gonçalves, os irmãos (conforme o capítulo 1, sabe-se que a família Gonçalves era constituída por três irmãos solteiros) vão representar esses retalhos de significação, fazendo deles peça imprescindível no novo processo de significação que se inaugura.

A construção da capela transformou os Gonçalves desaparecidos em referência para localização da Igreja e ainda faz os “paupérrimos” Gonçalves em *donos* da Igreja, da santa,

através da preposição empregada expressão Capela das Dores **dos** Gonçalves (conforme exposto anteriormente).

Analisando o que acabamos de propor com relação aos irmãos, vê-se que há mudança de sentido quando se altera a preposição usada, pois Antonio de Souza Camargo finaliza seu texto usando a expressão Dores **dos** Gonçalves no fim de seu texto.

Conforme afirmamos anteriormente a preposição **dos** indica posse, ao passo que a preposição **de** indica origem, fazendo os três irmãos Gonçalves significarem como origem da igreja e da cidade.

A capela faz com que surja uma povoação. Essa presença inicia a produção de sentido. Ela vai instituir um novo lugar de memória. Conforme Nora (1984, p.21), lugares de memória “são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional”.

A Igreja produz um efeito de cidade, conforme Orlandi (2011, p.27), ela atua como símbolo do povoamento, é manifestação superior (do Estado). É preciso ter uma Igreja para se ter uma cidade. É preciso que se doem as terras para a construção da primeira capela.

A Igreja produz efeito de cidade porque ao redor dela os moradores começam a se organizar, se reunir; surgem grupos para auxiliar na administração da paróquia e em atividades relacionadas a ela. Membros desses grupos mais tarde se responsabilizam pela produção e distribuição de energia elétrica, pela antena de TV e até a emancipação da cidade.

Desta forma, a igreja cria os meios para que os moradores se organizem e a partir desse ponto comecem desempenhar funções próprias da administração de uma cidade.

A doação de terras para edificação de uma Igreja é sinal de poder superior dessa instituição (e do Estado) e pode ser interpretada como reflexo da missão principal da Igreja nos primórdios da história do Brasil: catequizar, difundir o evangelho. Há também uma tradição religiosa muito forte no estado de Minas Gerais, não só em cidades históricas como Mariana e Congonhas do Campo, mas em outras como Monte Sião e Romaria. Assim

podemos observar que, junto à construção e práticas de uma capela, um discurso sobre o papel da Igreja na aproximação da mensagem de Cristo aos habitantes de um lugar isolado é eficaz, ou seja, parece funcionar e ressoar em toda a fundação da cidade de Gonçalves.

3.3. O discurso religioso sobre Gonçalves

Conforme o tópico anterior pode-se afirmar que o discurso religioso da cidade é uma presença constante nos enunciados acerca da cidade. O discurso religioso vai funcionar como “eco” do discurso fundador, isto é, remete à fundação de sentidos sobre/da cidade. A igreja (edifício) atravessa discursos sobre a cidade, sendo presença constante nos discursos sobre a cidade, funcionando como elemento de identificação da cidade em cartões-postais, emblemas de órgãos da administração municipal, folders, na bandeira da cidade entre outros.

Os recortes analisados abaixo foram extraídos dos jornais JC Turismo e Lazer de 27 de agosto de 2003 (enunciado 1); Diário do Grande ABC de 28 de agosto de 2003 (enunciados 2 e 3) e O Regional das Alterosas de agosto de 2006 (enunciados 4 e 5).

Os enunciados analisados são os seguintes:

1. *“O evento, realizado em homenagem à padroeira do município marca as comemorações do Jubileu de Prata da Paróquia de Gonçalves, e é um motivo a mais para os turistas visitarem a cidade”.*

2. *“Gonçalves esquece vocação ecoturística para cultuar a padroeira da cidade”.*

3. *“A cidade de Gonçalves (...) consegue reservar tempo para a religiosidade de seu povo. Entre os dias 6 e 15 de setembro, o município realizará a Festa que marca as comemorações do Jubileu de Prata da Paróquia de Gonçalves em homenagem á padroeira da cidade”.*

4. *“Uma subida de fé em Gonçalves – A Pedra do Cruzeiro, além de ponto turístico, é centro de religiosidade”.*

5. *“Sacrifício e fé são o nomes que podem facilmente ser associados à Pedra do Cruzeiro, em Gonçalves. O local tem altitude de 1152m, é cercado por bananeiras abrigando uma cruz e uma pequena igreja em seu topo, construída pela vontade dos homens do passado. Esta mesma determinação é a que leva, todo ano cerca de 600 pessoas para o “Caminho da Penitência”, durante a Semana Santa. Uma procissão que sai da cidade, passando pela dura subida, até chegar ao templo”.*

O discurso religioso atua certamente na formação da imagem da cidade. O discurso religioso dá efeito de tradição. Esta tradição torna-se atrativo, motivo para o turista buscar um elo com o passado perdido, conforme Payer (*apud*. Costa 2008, p.70).

Em primeiro lugar é preciso considerar que os discursos de retrospectiva, produzindo o efeito de nostalgia, de reminiscências, de lembranças de um passado rural de infância, como paraíso perdido da humanidade, constitui um modo discursivo universal de referência ao campo. No discurso encontram-se marcas que remetem à vida simples e outras que trazem a tona a memória do leitor ou aguçam seu imaginário.

Essas reminiscências de tradição ficam marcadas, em 1, por “Jubileu de Prata”. Em 2, se “esquece” o ecoturismo para “cultuar a padroeira”. No enunciado 3, se “consegue reservar tempo para se dedicar à religiosidade de seu povo”. Nos enunciados 4 e 5, passa-se a necessidade de se fazer sacrifícios em nome da fé. Em 5 a pequena igreja construída pela “vontade dos homens do passado” reforçam essa imagem de cidade com forte tradição religiosa.

Nesta tradição, ficam subentendidos os bingos, as quermesses, quitutes e cânticos que povoam o imaginário do turista quando se pensa em festividades religiosas do interior. Com relação ao enunciado 5 se subtende todo o aspecto sóbrio e contrito dos eventos da Semana Santa.

A religiosidade cria a lembrança de um passado ideal, repleto de valores e virtudes que povoam o imaginário do cidadão dos grandes centros urbanos e que está preso à rotina altamente estressante da vida urbana. Acaba, assim, servindo como incentivo a mais para o turista buscar conhecer a cidade.

É interessante perceber que em todos os enunciados analisados neste recorte do material de análise aparece explícita ou implicitamente a vocação turística da cidade enquanto o discurso religioso confirma-se como mais um atrativo da cidade.

É interessante perceber também que o termo **vocação** usado no enunciado 2 está associado ao ecoturismo, mas o mesmo termo é muito comum em discursos religiosos. Significando assim como se a cidade tivesse surgido para o turismo. Na verdade, em discursos religiosos, vocação significa como aptidão para a vida sacerdotal. Nos discursos analisados, vocação soa como se a cidade só pudesse desenvolver o turismo e não outra atividade econômica. Vocação possui sentido de chamado, missão, e no caso de Gonçalves, a aptidão, o chamado é para o turismo.

Percebe-se também que a religiosidade acaba significando como um acréscimo, um “algo mais”, “um bônus”, pois o que a cidade realmente tem a oferecer são seus elementos naturais explorados pelo turismo. No entanto, conforme observado, a religiosidade se faz presente desde Policarpo Teixeira de Almeida Queiróz Junior. A religião atravessa discursos sobre a cidade desde sua origem fazendo, portanto, parte da identidade da cidade.

Há ainda que se pensar que o catolicismo é uma forte presença nas cidades de Minas Gerais e do Brasil, basta observar que o catolicismo veio para o Brasil com Cabral e o primeiro topônimo já era ligado ao catolicismo. Além disso, Américo Vespúcio realizou uma viagem de reconhecimento a partir da qual nomeando os pontos do litoral brasileiro com nomes de santos católicos. O catolicismo marca o surgimento das cidades, São Paulo, por exemplo, surgiu em torno de um colégio jesuíta. Pode-se observar também que até mesmo cidades projetadas como Goiânia tem referência muito forte no catolicismo (o projeto de Goiânia foi elaborado de forma a lembrar a imagem de Nossa Senhora Aparecida).

Entende-se então que a religiosidade funciona como fator que auxiliará o turismo a movimentar a economia da cidade. É importante lembrar que entre as peças de artesanato e souvenirs vendidos na cidade muitos são compostos por artigos religiosos.

Outro aspecto importante acerca do discurso religioso e seu funcionamento na cidade é que há efeito de espontaneidade nas manifestações, isto é, não se prepara tapetes para Corpus Christi, por exemplo, com o propósito de atrair ou agradar o turista.

Mas é fato que atos de religiosidade tradicionais estão intimamente ligados à imagem bucólica criada sobre a cidade. E a partir do momento em que se buscar explorar explicitamente a religiosidade como atrativo para os turistas, ou seja, a partir do momento em que o discurso religioso perder sua espontaneidade, a imagem produzida sobre a cidade se alterará drasticamente e pode acontecer que alguns turistas deixarão de se dirigir.

3.4 O discurso da musicalidade em Gonçalves

Outro discurso sobre a cidade e que influi na construção de uma imagem bucólica da cidade é o discurso da musicalidade. Fato é que a cidade possui uma banda desde 1909.

A presença da banda reforça o efeito de cidade observado anteriormente. A banda também está ligada ao discurso religioso, uma vez que a banda sempre marca presença em eventos religiosos, especialmente nas festividades da padroeira da cidade, na Semana Santa e na procissão de Corpus Christi.

Essa musicalidade é discursivizada no jornal Folha de São Paulo de 19 de junho de 1994 no subtítulo Superpopulação de Músicos, da seguinte forma:

“O maestro Dito Cota (...) é o regente da Lira Nossa Senhora das Dores, fundada em 1909, uma das maiores tradições de Gonçalves. Dos 4000 habitantes, 150 são músicos e ensaiam com o maestro Cota”.

Também se pode perceber a musicalidade da cidade ao se observar a reportagem do programa Cafundós do Brasil (25 de maio de 1997), no qual se apresentou uma dupla caipira da cidade.

Além da Lira Nossa Senhora das Dores, na atualidade, existem mais de 100 habitantes que fazem aula de viola e violão nas comunidades rurais, alguns destes alunos formam um grupo de violeiros que se apresenta em eventos da cidade (festividades do aniversário da cidade, Festival de Inverno, Festival de Gastronomia e Cultura da Roça e outras festividades da cidade).

Como observado anteriormente, Antonio Gonçalves ponteava sua viola, mostrando que a tradição musical existe no lugar antes mesmo de haver a cidade. Esse é um discurso que parece atravessar e constituir a imagem de uma cidade voltada para a musicalidade.

Outro fator que reforça a musicalidade da população é que todos os alunos da rede municipal de ensino têm aulas de música desde 1999. Assim, as novas gerações já crescem em contato com a música. Sobre esse fato ocorre em Gonçalves uma antecipação em relação ao restante do país, pois a lei federal 11769 de 2008 que institui a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas a partir de 2012.

Há ainda diferença de significação quanto à forma como essa musicalidade se representa. Tratamos aqui das diferenças entre a Lira Nossa Senhora das Dores, dupla de violeiros ou aulas ministradas na escola municipal. Observa-se que Antonio Gonçalves e sua viola, na qual tocava a Cana-verde não é valorizado, possivelmente por ser cafuzo e sem instrução. Outro motivo seria por que a Cana-verde está ligada a tradição africana.

Há que se perceber que a Lira Nossa Senhora das Dores representa uma tradição marcada por uma imagem de status, trata-se de uma forma de se conseguir destaque social e político, visto que políticos como Hilton Camargo e Eliseu Ribeiro de Barros entre outros terem sido integrantes da Lira Nossa Senhora das Dores. A Lira traz a marca da formalidade, usa-se uniforme, há ensaios regulares e repertório para eventos formais como a posse de prefeitos e vereadores.

Duplas caipiras têm efeito de movimento espontâneo, não há tanta formalidade quanto na lira, geralmente são formadas por pessoas que possuem laços de amizade ou algum grau de parentesco. Observa-se que há possibilidade de se trocar a parceria com mais liberdade, uma vez que normalmente os músicos são donos dos próprios instrumentos, ao contrário da banda, em que muitos instrumentos e partituras são de propriedade da Lira Nossa Senhora das Dores.

Já o grupo de violeiros traz consigo a marca da institucionalização, já que é composto pelo professor de música da rede municipal e seus alunos, uma vez que a prefeitura disponibiliza aulas de música para pessoas de todas as idades em horário e local acessíveis a todos.

As aulas de música ministradas na rede municipal estão atreladas às normas da Escola. Desta forma, os alunos podem encarar as aulas de música de maneira similar a outras disciplinas, podendo criar resistência com relação ao aprendizado musical.

Desta maneira, diferentes formas de se representar a musicalidade da cidade significarão de formas distintas entre si.

É importante acrescentar que festividades como o Festival de Inverno e o Festival de Gastronomia e Cultura da Roça começaram a acontecer depois do fortalecimento do turismo, funcionando como forma de atrair o turista e ocorrendo próximos da época de sazonalidade ou durante a mesma.

A tradição, conforme exposto anteriormente, reforça a imagem bucólica da cidade, que por sua vez remete à memória do interior. Essa memória cria no habitante dos grandes centros urbanos a necessidade do *fugere urbem*, fará necessária a busca pela paz do campo.

É importante pensar que a musicalidade cria também uma imagem de povo “culto”, que preserva a cultura e que valoriza a arte. Criando a imagem de que o turista não está entre “capias ignorantes e sem cultura” (partindo-se do pré-construído que a cultura caipira está ligada a homens ignorantes e de hábitos rudes), podendo se sentir confortável, pois a população local fala a “mesma língua” que o turista culto e elitizado. Como se a arte e a poesia flutuassem com a mesma facilidade com que as ondas sonoras viajam no ar.

Assim surgem sentidos divergentes entre a cultura erudita (do e para o turista) e a cultura popular (espontânea dos habitantes). É fato que a Cana-verde não é uma manifestação institucionalizada, era puramente espontânea, resgatá-la implicaria em institucionalizá-la, pois

não se tem notícias de pessoas que a toquem e esse "resgate" possivelmente seria feito pelo poder público.

Há que se salientar que a cultura caipira tem seu valor e que é possível que o popular e o erudito possam coexistir em uma cidade, já que a cidade é o lugar da multiplicidade de sentidos.

3.5 O hino de Gonçalves: o bucólico e o humano

Analisa-se a seguir o hino da cidade, de autoria de Nelson Biasoli. Vejamos agora sua letra:

Gonçalves

Salve, salve, minha gente tão querida

Salve, salve o trabalho e a união

Amarei Gonçalves por toda a vida

"paraíso terrestre" do meu coração

Gonçalves terra adorada

Cidade bonita de progresso e esplendor

És orgulho desta pátria amada

Hino de paz e amor

Salve, salve, minha gente tão querida

Salve, salve o trabalho e a união

Amarei Gonçalves por toda a vida

“paraíso terrestre” do meu coração

Povo varonil, matas floridas

Fontes e cascatas de belezas mil

O teu céu tem mais estrelas

És mineira és Brasil

Salve, salve, minha gente tão querida

Salve, salve o trabalho e a união

Amarei Gonçalves por toda a vida

“paraíso terrestre” do meu coração

Deus dotou-a de tanta beleza

Este meu torrão natal

Que nem canta um poeta

E nem sonha um mortal

Entrelaçamento de raças gigantes

Povo audaz valente e destemido

Fortes nativos heróicos triunfantes

São todos teus filhos

Oh! Terra querida

Salve, salve, minha gente tão querida

Salve, salve o trabalho e a união

Amarei Gonçalves por toda a vida

“paraíso terrestre” do meu coração

O hino da cidade é atravessado pelo discurso da institucionalidade (solenidade), pois é usado como símbolo da cidade. Toca-se o hino em eventos oficiais da cidade, além disso, sua gravação é tocada no alto-falante da matriz quando se pretende fazer algum anúncio originário da prefeitura.

Nele se ressaltam tanto o elemento humano quanto o natural, “povo audaz” aparece paralelo às “matas floridas”.

O humano e o natural se fundem no refrão, fazendo “trabalho e união” criarem um “paraíso terrestre” tão fabuloso que nem um poeta pode cantar. Numa imagem bucólica.

Na busca de um entendimento maior recorreremos ao Dicionário Didático de Língua Portuguesa de responsabilidade de Rogério de Araújo Ramos, no qual define-se:

Bucólico,ca{bu.có.li.co}adj.1 Em relação a um gênero textual, especialmente à poesia, que idealiza a natureza e a vida pastoril.adj.2 Que pertence a esse gênero textual ou que possui suas características.

Assim procedemos para podermos afirmar que o hino de Gonçalves é uma composição bucólica, no primeiro significado da palavra. Enquanto que nos discursos sobre a cidade, bucólico se relacionam mais à vida no campo, à simplicidade, inocência, e o contato com a natureza.

Observe-se também que o hino também é atravessado pelo discurso do progresso, no qual Gonçalves é a “cidade bonita de progresso e esplendor”. O hino funciona como uma síntese de tudo que há na cidade. Compreendemos que um hino é composto para ser uma síntese e exaltação de um lugar.

Assim um “povo varonil” deve habitar um lugar de “matas floridas”, de “fontes e cascatas de belezas mil” e onde o “céu tem mais estrelas”, um paraíso na terra, pois Deus dotou essa terra de “tanta beleza”. Porém para ser completo esse paraíso também precisa de um “povo audaz, valente e destemido” para gerar filhos da terra (nativos) “heróicos e triunfantes”.

Desta forma, o hino também é atravessado pelo discurso religioso.

No hino vemos que todos os fatores engendram-se favoravelmente para que os cidadãos da cidade progridam, triunfem.

3.6 O discurso do progresso em Gonçalves

3.6.1 O progresso e a administração pública

Há um discurso recorrente nos recortes do nosso material de análise que discursiviza uma cidade rumo ao progresso, o efeito de sentido é aquele de que a cidade vai atingi-lo. Ao atingir o progresso a cidade estará, conforme observado nas análises anteriores, atingindo sua vocação de progredir.

É preciso notar a forte presença de um discurso que projeta a imagem de Gonçalves enquanto cidade progresso, que sempre pode/deve/precisa progredir e que nunca atinge o progresso totalmente. A ação de progredir nunca se completa.

Ao analisarmos o material encontramos indícios que mostram a cidade de Gonçalves como uma cidade pronta para o futuro, para o progresso.

O progresso é visto nos recortes do material de análise como efeito de uma administração eficiente representada pela pessoa do prefeito.

Seguem-se os enunciados analisados.

1. *“Administrado atualmente, pelo prefeito Eliseu Ribeiro de Barros, Gonçalves, atravessa hoje, em período de franco progresso e desenvolvimento, isto em função da competência e capacidade de seu administrador.”* (Jornal do Estado, provavelmente de 1986)⁷

2. *“A administração adquiriu ainda, área de terreno da ordem de 150 mil metros quadrados, onde pretende-se construir um hotel destinado a abrigar os inúmeros turistas que se deslocam até o município, com o objetivo de apreciar suas belezas naturais.”* (idem)

3. *“A vitória do prefeito José Francisco Neto, o popular Zezito, nas últimas eleições municipais trouxe, para toda a comunidade, esperança de dias melhores, de um futuro progressista.”* (Jornal Reportagens, 1998)

⁷ Lembrando que algumas informações acerca do material de análise estão incompletas.

4. *“A cidade de Gonçalves, sem favor algum, pela dinâmica que vêm sendo empregada pela atual administração, vê o futuro chegar depois de 35 anos de estagnação administrativa e política.*

É uma cidade que tem sua economia girando em torno da agropecuária e do turismo.”(idem)

Nos enunciados acima o progresso é associado à pessoa do prefeito, como se o progresso só se devesse ao administrador da cidade. Vê-se que se trata de uma forma de promover a administração vigente.

Deve ser observado que os enunciados 1 e 2 são referentes à administração de Eliseu Ribeiro de Barros no período de 1983 a 1988, época em que o turismo começava a surgir como alternativa econômica.

Os enunciados 3 e 4 são do início do período administrado por José Francisco Neto (1997-2004) quando o turismo começava a se firmar como principal fonte de renda da cidade.

Também se percebe no enunciado 2 que a administração procurava meios para que o turismo se firmasse na cidade, tendo pretensões de construir um hotel na cidade. Nota-se também que há uma extrapolação dos limites entre o público e o privado. Provavelmente por questões sobre a legalidade do empreendimento ou sobre a quem caberia administrar o hotel. Não houve a construção do hotel. No terreno mencionado, atualmente existem a Escola Municipal “Antenor Vieira da Silva”, o cemitério municipal, a Unidade Básica de Saúde “Eliseu Ribeiro de Barros” e a central de tratamento de água da Copasa (prestadora de serviços responsável pelo tratamento de água e esgoto).

É interessante notar que em 4 busca-se uma forma de se “apagar” os feitos das administrações anteriores quando se afirma que a cidade “vê o futuro chegar depois de 35

anos de estagnação”. Enquanto isso o futuro chega com a nova administração e o turismo já dividia com a agricultura o controle da economia da cidade.

Nestes enunciados o turismo não aparece como fator que provoca o progresso, mas se pode perceber em 2 e 4 que o mesmo já se associa ao progresso de Gonçalves como fato concreto e inevitável.

3.6.2 O progresso da cidade nos Cafundós do Brasil

No programa Cafundós do Brasil observa-se de maneira mais evidente a associação do turismo à evolução da cidade, o turismo figura como fator de progresso.

O programa é anterior aos enunciados 3 e 4 do tópico anterior, mas no vídeo o progresso e a cidade são exibidos de forma diferenciada.

Outro fato é que a mídia televisiva possui abrangência maior que os jornais analisados no item anterior, além de possuir uma linguagem mais dinâmica que o texto escrito.

Segue-se uma transcrição⁸ do que foi televisionado no programa:

1- *“Em 1953 os filhos de Gonçalves, vendo estagnado o seu progresso, organizaram uma comissão de emancipação visando o desligamento do município de Paraisópolis”.*

2- *“O comércio é muito variado, com uma tendência de evolução constante devido ao grande número de turistas que buscam esta cidade nos finais de semana e*

⁸Todas as transcrições realizadas neste estudo são de responsabilidade de João Paulo Pinto.

feriados. É importante destacar que nos últimos anos surgiram em Gonçalves diversas pousadas. As quais estão sempre crescendo para atender a demanda que é cada vez maior. O mesmo acontece com o comércio, principalmente no ramo de restaurantes".

- 3- *“O grupo dos Cafundós do Brasil estarão sempre a nosso lado, eu creio, por que acho que notaram e viram que temos a intenção maior de dar conhecimento ao Brasil deste pedacinho de mundo, deste pedacinho de beleza, portanto vocês estão nos dando a chance de apresentarmos para todo o Brasil, portanto vocês vão fazer parte do nosso desenvolvimento. Nós vamos estar agradecidos o resto dos anos de nossa cidade”.(sic)*

Em 1 observa-se o efeito de cidade nos habitantes, mesmo que esta não existisse oficialmente. Afirmções similares podem ser observadas em históricos da cidade. Era preciso se emancipar para continuar progredindo. Assim é possível que esse efeito tenha se tornado uma constante nos processos de identificação dos habitantes mais antigos com a cidade. A imagem que se constrói é que sem independência o progresso estagna. É preciso ser independente para progredir.

Em 2, o turismo já figura como razão para que o comércio evolua, é preciso dar conforto ao turista, é preciso que o mesmo tenha razões para retornar para a cidade.

Outro ponto importante deste enunciado é que se precisava mostrar que a demanda estava “cada vez maior” e que a quantidade de restaurantes estava aumentando, pois se necessitava passar a imagem de cidade acolhedora, de que o turista encontrará conforto e assim fosse possível consolidar o turismo como fonte de renda da cidade. Além de possivelmente servir de chamariz para pessoas que quisessem investir na cidade.

Neste recorte se observa também que a cidade tem “tendência” de progredir constantemente, de evoluir. E a razão desta evolução é a presença de “grande número” de turistas.

E, em 3, se reproduz a declaração do prefeito, responsável pela presença do programa na cidade. Nessa declaração, José Francisco Neto se personifica na cidade ao afirmar “o grupo dos Cafundós do Brasil estarão sempre a nosso lado.” Neste enunciado percebe-se que o turismo é visto como elemento crucial para a ideia de progresso da cidade, embora o mesmo implícito no recorte analisado. Neste recorte ainda se observa que há, na fala do prefeito, a tentativa de produzir uma imagem de familiaridade, de afetividade que se associa ao “pedacinho de mundo”, ao “pedacinho de beleza” que é a cidade de Gonçalves. É possível notar que se busca produzir uma imagem de lugar atraente para que o turista do restante do Brasil descubra e visite a cidade.

A partir desse ponto, turismo passa a significar progresso, pois o objetivo do programa era atrair turistas, mais turistas, mais progresso. De maneira que a cidade se desenvolva e o programa passa então a “fazer parte do nosso desenvolvimento”.

3.6.3 O progresso e a Cinegráfica Anhanguera

Para encerrar esse tópico, analisamos a transcrição de um enunciado produzido pela Cinegráfica Anhanguera em 1956. Esta gravação trata do progresso de forma distinta, segue-se a transcrição:

“Mesmo à distância é fácil verificar-se o crescimento do Distrito de Gonçalves. Ao trabalho incansável de sua população se deve tal progresso que, dia a dia, vem colocando a localidade em situação de relevo. Meritório resultado do espírito empreendedor de sua gente.”

Este enunciado data de um período em que já havia um movimento pela emancipação do então distrito de Gonçalves. Desta forma, a inclusão de um trecho sobre Gonçalves na gravação poderia ser uma tentativa de desencorajar o movimento.

No entanto, pode-se observar que a produção enaltece o distrito. O discurso registra o desenvolvimento de Gonçalves usando como exemplo a presença da usina hidrelétrica que existiu em Gonçalves, reforçando o efeito de cidade na população do distrito, mesmo que a cidade ainda não existisse legalmente.

Outro aspecto importante é que, diferentemente do que foi observado no item 3.6.1, o responsável pelo progresso é o “trabalho incansável da população.

Finalizando, de forma geral, todos os itens analisados a respeito do discurso progressista de Gonçalves sinalizam na direção da imagem de uma cidade pronta para o progresso, onde o povo e a administração estão dispostos ao “trabalho duro”. Produz-se a imagem de povo empreendedor, de cidade preparada para o progresso e que o progresso vem com o turismo, de que em Gonçalves se trabalha muito e que a cidade progride devido ao turismo.

3.7 A predicação acerca da cidade e o discurso da natureza de Gonçalves

Ao observarmos nosso material de análise percebemos que a cidade é definida de formas variadas, mas chamamos atenção para o deslocamento de sentidos. Esses deslocamentos podem explicitar a imagem que se tenta construir da cidade.

As formas como a cidade é descrita no material de análise dão a entender que se trata de uma cidade aprazível, de ambiente bucólico onde a natureza aparece como elemento que contribui para uma imagem de “Éden eterno”.

É interessante observar que essa predicação aparece atrelada a um discurso da natureza da cidade. Essa imagem de “paraíso terrestre” (conforme o hino da cidade) se deve em grande parte à natureza da cidade, que é descrita como única, exuberante, singular e com belas cachoeiras.

Vejamos os recortes aos quais nos referimos:

- 1- *“Gonçalves, uma pequena e bucólica cidade encravada nos contraortes (sic) da Serra da Mantiqueira”* (Jornal do Interior, agosto-setembro de 1977)
- 2- *“Gonçalves- A joia da Mantiqueira”* (Revista Razões, 1983)
- 3- *“Gonçalves, a joia incrustada em uma das derivações da Serra da Mantiqueira”*
(idem enunciado 2)
- 4- *“Encravada na Mantiqueira, cidade de Gonçalves tem aspecto primitivo- cidade tem clima de montanha sem a sofisticação de Campos do Jordão”* (Folha de São Paulo, março de 1992)

- 5- *“Lugarejo no sul de Minas Gerais atrai turistas de inverno”* (Folha de São Paulo, 15 de junho de 1994)
- 6- *“Gonçalves, no sul de Minas Gerais, é uma alternativa de lugar ainda virgem para fugir do roteiro tradicional das cidades de inverno”* (idem enunciado 5)
- 7- *“Tudo cai bem em Gonçalves – incrustada na Serra da Mantiqueira, na região de Campos do Jordão, cidade guarda em segredo belíssimas cachoeiras”* (Jornal da Tarde, 6 de abril de 1995)
- 8- *“Cidade ainda é para poucos – infra-estrutura turística é incipiente, mas a comida mineira é absolutamente inesquecível”* (idem enunciado 7)
- 9- *“Gonçalves- um paraíso nas Minas Gerais”* (Jornal Diário do Vale, 1º de julho de 1995)
- 10- *“Não tem gente pobre em Gonçalves. A simplicidade engana os desavisados”* (idem enunciado 9)
- 11- *“Cachoeiras, matas intocadas e aquela comidinha mineira”* (Estado de Minas, 29 de novembro de 1996)
- 12- *“Visite Gonçalves, cidade carinho”* (Reportagens, 13 de junho de 1998)

- 13- *“Entre trilhas e cachoeiras que fazem da região um dos melhores locais de ecoturismo de Minas Gerais,”* (Diário do Grande ABC, 28 de agosto de 2003)
- 14- *“Paz e aconchego em Gonçalves”* (Diário do Grande ABC, 29 de junho de 2006)
- 15- *“Natureza. Frio. Aconchego. Paz. Estas são algumas palavras que tentam definir alguns atrativos da cidade de Gonçalves.”* (Diário do Grande ABC, 29 de junho de 2006)
- 16- *“Em meio à exuberância da floresta tropical da Mata Atlântica, Gonçalves é provida de inúmeras belezas naturais. Além disso, preserva ainda a ‘tradicional cultura mineira’, na maneira de ser, falar e viver, que são cuidados do mesmo modo que as matas e rios. A cidade é um dos mais altos e belos lugares do Brasil e o ar puro dessa região também favorece o clima de paz que este fabuloso trecho da Serra da Mantiqueira oferece aos visitantes.”* (O Regional das Alterosas, março de 2008)
- 17- *“A Pérola da Mantiqueira”* (Informativo Municipal, março de 2001)

É interessante notar que estes recortes datam de antes do turismo se tornar o principal foco da economia da cidade ou de quando este se fortalecia em Gonçalves.

Fato que vem à tona em quase todos os enunciados analisados neste item é a localização da cidade. Na “Serra da Mantiqueira”, no “sul de Minas Gerais”, na “região de Campos do Jordão”. A localização tomando como referência nomes de localidades que trazem consigo imagens de lugares que denotam o bucólico, o agradável, o interiorano, além de reforçar a vocação para o turismo.

Outro aspecto que reforçará a imagem de paraíso bucólico, preservado da rotina das grandes cidades é evidenciado pelo uso de termos como “pequena e bucólica”, “encravada”, “incrustada” e “lugarejo”. Busca-se criar uma imagem de um rincão livre das mazelas das grandes cidades, sem estresse e sem tumultos, a vida devagar descrita por Drummond, em *Cidadezinha Qualquer*.

Esta imagem se reforça ainda com o uso de “lugar ainda virgem,” no enunciado 6. A imagem produzida encaminha-se na direção da cidade perfeita, mesmo que ainda fosse “para poucos”, pois sempre haverá um contraponto para algum elemento que possa soar negativo como “aspecto primitivo” no enunciado 4 ou a “infra-estrutura incipiente” em 8 que recebem em contrapartida o “clima de montanha” e a “comida mineira absolutamente inesquecível,” respectivamente.

A cidade aparece como alternativa, fora do lugar comum, diferente e pitoresco. É a “joia da Mantiqueira” que guarda em segredo as cachoeiras e seus atrativos naturais.

É possível observar também que estes enunciados tratam a natureza como dádiva e principal atrativo, sendo representada principalmente pela topografia (“Serra da Mantiqueira” e “um dos mais altos e belos lugares do Brasil”), pelos recursos hídricos (“belíssimas cachoeiras”), pela vegetação (“matas intocadas” e “Mata Atlântica”) e pelo seu clima (“frio”, “clima de montanha” e “ar puro”).

No entanto elementos humanos acabam sendo usados como atrativos uma vez que “aconchego”, “carinho”, “tradicional cultura mineira” e “comida mineira” só podem existir através das relações humanas, não há meio de se oferecer carinho ou aconchego se não houver pelo menos um ser humano envolvido. A paz de um local também depende do grau de intervenção humana no mesmo, dificilmente se dirá que há paz no trânsito engarrafado de nossas metrópoles.

Observa-se que há deslocamentos de sentidos nos predicados de Gonçalves de “pequena e bucólica cidade encravada nos contrafortes da Mantiqueira” a “joia da Mantiqueira”, “joia incrustada”; de “alternativa de lugar ainda virgem” a cidade “para poucos” (privilegiados), “um paraíso nas Minas Gerais”; de “cidade carinho” a “pérola da Mantiqueira”. Todo esse movimento nos sentidos de Gonçalves reforça a imagem de paraíso terrestre.

O turismo funciona como elemento que traz o progresso e através dele e para ele que essa imagem de cidade ideal é produzida.

É importante ressaltar que o enunciado 17 também aparece em folders, guias turísticos e outros materiais de divulgação acerca da cidade, reforçando a imagem de cidade ideal, incrustada, intocada, preciosa, a ser valorizada e conservada para não ser ofuscada pela agitação do mundo moderno. A imagem da cidade é tão preciosa quanto uma pérola.

3.8 O turismo e o bucólico

Finalizando nossas análises, expomos a análise realizada sobre dois folders e um banner. Este recorte é marcado pela simplicidade do enunciado e pela exploração de recursos visuais.

Sabe-se que folders têm uma circulação ampla, pois são colocados em pontos comerciais e agências de turismo tanto em Gonçalves como em outras localidades.

O banner atinge um número reduzido de pessoas, atinge possíveis compradores de terrenos em sua maioria, pois este banner se localiza em uma das principais imobiliárias da cidade, atendendo a uma vontade dos donos do estabelecimento.

Um dos folders (figuras 1 e 2) e é de responsabilidade de uma empresa que realiza trilhas, caminhadas e esportes radicais em Gonçalves.

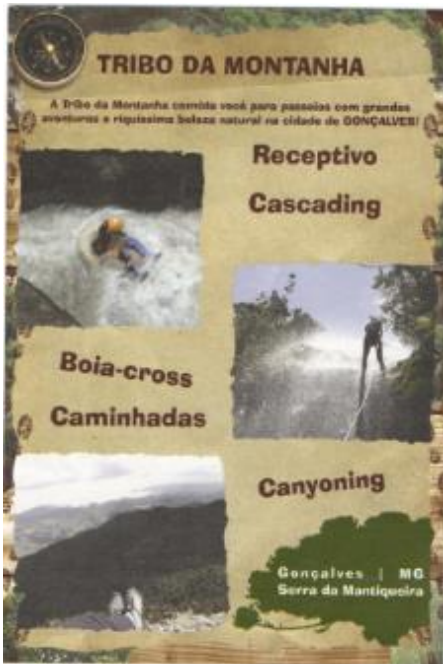


Figura 1



Figura 2

Seu enunciado é o seguinte:

“A Tribos da Montanha convida você para passeios com grandes aventuras e riquíssima beleza na cidade de GONÇALVES!”

Pode-se observar que há uma tentativa de se atrair pessoas interessadas em “grandes aventuras”, mas há exaltação da “riquíssima beleza na cidade de Gonçalves”, isso se explicita através do destaque do topônimo e pelo uso do ponto de exclamação. A exaltação não se dá apenas no texto, mas nas fotos que compõem o folder, a partir das quais se observa algumas paisagens e há também imagens da exploração da natureza pelo turismo, pois são fotos que

representam os serviços prestados pela empresa (bóia-cross, caminhadas e cascading). Observem que o serviço prestado aparece como um convite.

O outro folder (figuras 3 e 4) foi produzido pela prefeitura, é composto por duas fotos de paisagens da cidade apenas e que servem de fundo para as informações contidas no folder.



Figura3



Figura 4

De um lado o pôr do sol com um mapa da região e as principais distâncias, do outro, uma cachoeira e os dizeres:

Pra respirar...

Pra namorar...

Pra caminhar...

Pra pedalar...

Pra cavalgar...

Pra se aventurar!!!

A imagem construída aí é a de uma cidade onde se respira, namora, caminha, pedala e cavalga, mas também se aventura. Trata-se, enquanto efeito, de uma cidade que atende às necessidades dos sujeitos de se ter uma vida melhor, saudável, divertida, tranquila, romântica, esportiva, repleta de natureza, etc.

O enunciado é formulado com base na gradação, que ocorre com o uso de reticências, o que sugere que há possibilidade de algo mais ser inserido entre *respirar* e *se aventurar*. Nota-se também que há repetição do ponto de exclamação ao fim da gradação, o que sugere que a aventura é o ápice proporcionado ao turista e que essa aventura é intensa, num contraponto à imagem de cidade pacata observada em recortes anteriores. A gradação produz uma ligação entre o sossego e a aventura, um elo entre tudo o que a cidade oferece.

Há ainda a repetição de exclamação no enunciado “*Conheça Gonçalves!!! Charme, Conforto e Boa Mesa na Bela Mantiqueira!*” também presente no canto inferior esquerdo, este enunciado funciona de forma a reforçar a ideia de que o turista deve ir para Gonçalves, pois nesta cidade o charme e o conforto se associam à boa mesa no cenário bucólico da Mantiqueira. Neste folder, há outro enunciado que funciona de forma semelhante. Trata-se do enunciado “*Visite Gonçalves!!!... logo ali no sul de Minas!*” novamente se incita o turista a se dirigir para a cidade, novamente se dá ênfase ao pedido com a repetição da exclamação, mas neste enunciado se associa a cidade à imagem do estado de Minas Gerais, ainda que este “ali” possa ser associado ao que no senso comum é conhecido como “ali de mineiro” que tem sentido não de proximidade e sim de distante. Desse modo, o objetivo geral é dizer que deve-se ir a Gonçalves mesmo que seja uma cidade distante.

Por fim, analisamos o banner composto apenas pelo dizer “PRESERVE GONÇALVES” (figura 5), centralizado e tendo em volta e ao fundo imagens da cidade que fazem alusão à vida no campo e à natureza de Gonçalves (doceira, carro de boi, cachoeira, leiteiro, casa de pau a pique entre outros) numa referência à vida bucólica. O discurso é o de que é preciso preservar essas características bucólicas da cidade.



Figura 5

Nos três recortes analisados, neste tópico, podemos observar que o bucólico é explorado pelo turismo, tornando-se elemento de atração de turistas e surgindo a “perfeita” harmonia entre o trabalho do homem e a beleza da natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi possível observar ao longo deste trabalho, o progresso e a vocação atravessam os discursos sobre Gonçalves na construção de uma imagem, uma identidade para a cidade. Observamos que a vocação está ligada ao discurso religioso, no entanto, também, observamos que, no caso de Gonçalves, a vocação se refere à utilização das belezas naturais para o turismo, como se fosse natural, por sua natureza, que a cidade tivesse que cumprir seu chamado, sua vocação turística. Neste ponto, encontramos uma relação de interdependência entre o religioso e o progresso, pois como foi observado o turismo passa a significar em discursos sobre o progresso, como um elemento desencadeador e ao mesmo tempo central da discursividade progressista. Parece haver um movimento circular na produção dos sentidos: a cidade tem vocação para o progresso/turismo, essa vocação também se deve ao “espírito empreendedor” do povo, o povo trabalha e progride e o progresso em Gonçalves se dá através do turismo. Assim progresso e vocação se sustentam mutuamente.

É em nome do progresso/turismo que se abrem pousadas e restaurantes, que se elaboram festivais e eventos fazendo referência à “cultura da roça”, transformando a cidade e a cultura da roça com o fim de atrair mais turistas.

Mostramos aqui os movimentos da sociedade (ORLANDI, 2011b) na relação com o progresso/turismo. Observa-se que há necessidade de se obter sucesso econômico, já que estamos em uma formação social capitalista, assim se os indivíduos não obtiverem condições materiais favoráveis não há como cumprir seu ‘destino’ (ORLANDI, 2011b, p.7). Por isso os discursos sobre a cidade sinalizam que o turismo é a forma que a cidade encontrou para cumprir seu "*destino*", *sua vocação*. Ideia esta que se relaciona com vocação e progresso nos discursos sobre Gonçalves mais uma vez, explicitando como um discurso econômico atua na construção da imagem de Gonçalves enquanto cidade turística. Quando se assume uma

vocação, assume-se um destino e, no que se refere aos discursos sobre Gonçalves, a vocação é para o progresso/turismo.

Pode-se observar também que, nos discursos sobre a cidade, em nome do progresso/turismo se usam palavras como *sustentável*, *ecoturismo* e *turismo alternativo* para se criar uma imagem que seja atraente para o turista. Esta imagem tem por objetivo trazer o turista para a cidade, levá-lo a movimentar a economia local, alicerçando o progresso/turismo. Desta forma, o uso dessas palavras incidirá no processo de identificação do sujeito com a cidade.

É possível notar, na identidade criada sobre a cidade de Gonçalves que se trata de uma cidade que surgiu nos moldes do positivismo de Comte. O discurso positivista aparece de forma a enaltecer a cidade, às vezes de forma utópica (“não existe gente pobre em Gonçalves”). Ordem e progresso relacionam-se à imagem de povo com “espírito empreendedor”, “audaz”, “destemido”. Não se empreende nada satisfatoriamente, não se progride, sem ordem.

Paralelamente, a identidade de Gonçalves é construída sobre a imagem rural, bucólica, na mudança da economia agrária para a economia do turismo preservou-se a imagem campestre.

Enfatizamos desde o início deste trabalho que a constituição de uma identidade faz parte de um processo de significação sempre em movimento, o que impede que a identidade seja vista como algo imóvel, fixa, ao contrário, trata-se de um movimento na história, cujas imagens da cidade que circulam nos mais diferentes discursos interferem em sua construção. As transformações pelas quais a identidade de uma cidade passa estão sempre atreladas às formas como as mudanças político-ideológicas significaram e significam a e na cidade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Alexandre Carvalho de, **Análise da Evolução do turismo em Gonçalves, Minas Gerais**, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 2003.
- BORGES, Vespasiano Magno, **Terras altas do Sapucaí**, Artmago, Pouso Alegre-MG, 2003,
- portal.goncalves.mg.gov.br (acesso em 6 de janeiro de 2014),
- BALDINI, Lauro José Siqueira. **Nomenclatura gramatical brasileira, Análise discursiva do controle da língua**. Campinas-SP: Editora RG, 2009.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), dados sobre o PIB do de Gonçalves, sua produção agrícola, industrial e serviços. Disponível em www.ibge.gov.br, acesso em 14 de fevereiro de 2013.
- BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas-SP: Papirus Editora, 1995.
- COSTA, Adriana Aparecida Vaz & HONÓRIO, Maria Aparecida. Lugares de identificação do sujeito índio no discurso do conhecimento: entre lugares, Artigo CELLI 2007. Disponível em www.ple.uem.br.
- COSTA, Laila de Castro, **Folder turístico: um sonho ofertado**, Pouso Alegre, Univás Fafiep, 2008. (Dissertação de Mestrado)
- COSTA, Greciely Cristina. Discursividades de inclusão e a manutenção da exclusão. In: ORLANDI, E., P., e FERREIRA, E. (Orgs.), **Discursos sobre a inclusão**. Niterói, RJ: Intertexto, 2014.
- GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). Por uma Análise Automática do Discurso. Uma Introdução à obra de Michel Pêcheux, Michel Pêcheux, *Análise Automática do*

Discurso (AAD-69) (p.61), A propósito da análise automática do discurso (1975) (p.)
 Editora da Unicampi, 3ª Ed. Campinas- SP, 1997.

INDURSKY, Freda & FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise de Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999.

NUNES, José Horta. O discurso documental na história das ideias linguísticas e o caso dos dicionários. Alfa, São Paulo, 2008.

NORA, Pierre. **Les liex de memorie**. La République, trad. Yara Aun Khoury, Paris: Gallamand, 1984.

PAYER, Maria Onice. Memória da imigração e processos de identificação em mídia jornalística. In: ORLANDI, Eni Pucinelli (Org.), **Discurso, Espaço, Memória**, Caminhos da identidade no sul de Minas. Campinas – SP: Editora RG, 2011.

ORLANDI, Eni Pucinelli (Org.), **Discurso, Espaço, Memória**, Caminhos da identidade no sul de Minas, *Os sentidos de uma estátua: Fernão Dias, individuação e identidade pousoalegrense*, Campinas – SP: Editora RG, 2011.

_____ **Análise de Discurso**, Princípios e Procedimentos. Campinas – SP: Pontes, 2011.

_____ Língua, Comunidade e Relações sociais no espaço digital. In: DIAS, Cristiane. E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]. 2011b, Consultada no Portal Labeurb –<http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

_____ **O discurso fundador**: A formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas – SP: Pontes, 2003.

_____ **Cidade dos Sentidos**. Campinas- SP: Pontes, 2004.

_____ **Discurso em análise:** sujeito, sentido, ideologia. Campinas-SP: Pontes, 2012.

_____ **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____ (Org.) **Gestos de leitura:** Da história no discurso, 3ª ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010.

SILVA, Telma Domingues. Populações e conhecimentos tradicionais: uma análise da educação ambiental nas cartilhas do pró-várzea. In: **Moara**, v. 34, p. 85-110, 2010.

Histórico municipal (16 de abril de 1993),

Histórico municipal (12 de junho de 1981) ,

Histórico da administração 1996-1999.